

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**CLIMA FAMILIAR RELACIONAL NAS FAMÍLIAS  
ADOPTIVAS**

**Cláudia Sofia Canteiro Machado**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica**

**2010**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**CLIMA FAMILIAR RELACIONAL NAS FAMÍLIAS  
ADOPTIVAS**

**Cláudia Sofia Canteiro Machado**

**Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel Narciso Davide**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**Secção Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica**

**2010**

## **Resumo**

A presente investigação insere-se no contexto das famílias adoptivas e procura, através de uma abordagem sistémica, compreender o Clima Familiar Relacional, explorando e aprofundando as inter-relações entre o funcionamento familiar, a satisfação conjugal e a parentalidade. O estudo exploratório foi realizado a 10 casais que adoptaram crianças entre 2004 e 2007 através de um serviço público de adopção. Os dados foram recolhidos e analisados a partir de uma triangulação de métodos, com o recurso a entrevistas semi-estruturadas e a uma bateria de testes constituída pela Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal, pelo Questionário de Dimensões e Estilos Parentais – versão reduzida, pela Escala de Avaliação da Coesão e Adaptabilidade Familiar II e pelo Questionário de Avaliação da Satisfação Parental. Os dados foram posteriormente analisados através do programa informático *Nvivo8*, tendo-se concluído que o funcionamento familiar, com elevada coesão e adaptabilidade, e qualidade positiva da comunicação, relaciona-se positivamente com satisfação conjugal e satisfação parental, com prevalência de um estilo parental autoritativo e a práticas educativas indutivas.

**Palavras-chave:** famílias adoptivas, funcionamento familiar, satisfação conjugal, parentalidade.

## **Abstract**

The present study falls within the context of adoptive families and seeks, through a systemic approach to understand the Relational Family Climate, exploring and deepening the inter-relationships between family functioning, marital satisfaction and parenting. The exploratory study was carried out with 10 couples who have adopted children between 2004 and 2007 through a public adoption service. The data was collected and analyzed using a triangulation of methods, with semi-structured interviews and the following battery of tests: the Rating Scale in Areas of Satisfaction of Married Life, the Questionnaire of Parenting Styles and Dimensions - short version , Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale, Assessment Questionnaire and the Parental Satisfaction. The data was then analyzed using the software *NVivo 8* and it was concluded that family functioning, with high cohesion and adaptability, and positive quality of communication, is positively correlated with marital satisfaction and parental satisfaction with the prevalence of an authoritative parenting style and inductive practices.

**Keywords:** adoptive families, family functioning, marital satisfaction, parenting.

## **Agradecimentos**

*Os meus agradecimentos recaem sobre todas as pessoas cujo apoio, carinho e dedicação foram imprescindíveis para tornar possível a realização deste trabalho.*

*À Professora Doutora Isabel Narciso, um agradecimento especial pelo apoio constante, pelas críticas e sugestões sábias, pela generosidade e confiança no meu trabalho.*

*À minha colega Sara, pela partilha e espírito lutador com que premiou as nossas reuniões de orientação.*

*À Sílvia, pelos momentos de companheirismo e amizade, pela troca de ideias e segurança nas suas palavras.*

*Ao Pedro, pela ajuda, partilha e incentivo que não esquecerei.*

*Às minhas amigas e companheiras de casa, pelo ambiente acolhedor e alegre que sempre proporcionaram e pelos momentos de descanso fundamentais para retomar o trabalho.*

*Ao Tiago, pelo apoio, ajuda e conforto em diversas situações.*

*À Marta, pela grande amizade, dedicação e apoio permanente, para que eu nunca deixasse de lutar e acreditar.*

*À Mena, Margarida, Vanessa e Inês, pelo carinho e compreensão presentes ao longo do desenvolvimento deste projecto e da minha vida.*

*À minha família, pelo amor e apoio incondicional, pela dedicação e confiança que desde sempre depositaram em mim.*

*A todos os que directamente ou indirectamente estão aqui representados ... um muito obrigada!*

# Índice

Introdução	1
1. Enquadramento Conceptual	3
1.1.Funcionamento Familiar	3
1.2.Satisfação Conjugal	6
1.3.Parentalidade e Estilos Parentais Educativos	7
2. Processo Metodológico	12
2.1.O Contorno Metodológico	12
2.1.1. Investigação Qualitativa	12
2.2.O Desenho Metodológico	13
2.2.1. Questão Inicial	13
2.2.2. Mapa Conceptual	13
2.2.3. Objectivos Gerais e Específicos	14
2.2.4. Questões de Investigação	14
2.3.Estratégia Metodológica	15
2.3.1. Estudo de Casos	15
2.3.2. Selecção e Caracterização da Amostra	15
2.3.3. Instrumentos Utilizados na Recolha de Dados	15
2.3.3.1. Entrevista semi-estruturada	16
2.3.3.2. Escalas e Questionários	17
2.3.4. Procedimento de Recolha de Dados	20
2.3.5. Análise dos Dados	20
3. Apresentação e Discussão dos Resultados	22
Conclusão	40
Bibliografia	44

Apêndices (caderno à parte)

Apêndice I - Exemplo de excerto codificado pelo *software Nvivo8*

Apêndice II – Tabela de categorias e subcategorias utilizadas associadas às variáveis em estudo

Apêndice III – Análise intra-casos

Anexos (caderno à parte)

Anexo I – Excertos do guião da entrevista

Anexo II – Instrumentos utilizados

### Índice das Figuras

Figura 1 – Mapa Conceptual 14

### Índice dos Gráficos

Gráfico 1 – Nível de coesão dos casais da amostra 22

Gráfico 2 – Nível de adaptabilidade dos casais da amostra 24

Gráfico 3 – Grau de satisfação conjugal percebido 26

Gráfico 4 – Frequência de estilos parentais na amostra 34

Gráfico 5 – Frequência de idades das crianças adoptadas 38

### Índice das Tabelas

Tabela 1 – Caracterização da Amostra 16

Tabela 2 - Registo das respostas ao Questionário de Avaliação da Satisfação Parental (género masculino) 31

Tabela 3 - Registo das respostas ao Questionário de Avaliação da Satisfação Parental (género feminino) 31

## Introdução

A presente dissertação<sup>1</sup> insere-se no âmbito da Psicologia da Família, e tem como objectivo compreender o Clima Familiar Relacional nas famílias adoptivas. Assenta numa abordagem sistémica, pretendendo-se estudar os fenómenos relacionais que ocorrem no sub-sistema conjugal e sub-sistema parental. Mais concretamente, queremos compreender o funcionamento familiar, a satisfação conjugal e a parentalidade enquanto indicadores do clima relacional familiar no contexto da adopção.

Nas últimas duas décadas, o interesse pelo estudo das formas de famílias não-tradicionais, tem aumentado significativamente entre os investigadores de ciências sociais (Lamb, 1999). Apesar do conceito de adopção ser historicamente tão antigo como os tempos bíblicos, as famílias adoptivas têm adquirido uma maior magnitude e visibilidade na sociedade actual (Javier, Baden, Biofora, Camacho-Gingerich & Henderson, 2007). Ser pai e ser mãe tornou-se um *“símbolo da identidade sexual, da integridade física e da integração social do indivíduo e do casal”* (Relvas & Alarcão, 2002, p. 125).

Até ao século XIX, a prática da adopção tinha como objectivo satisfazer as necessidades dos adultos e da sociedade, de forma a minimizar as diferenças entre uma família adoptiva e uma família biológica. Presentemente, a adopção é centrada no superior interesse da criança, existindo diversos estudos que concluem que a parentalidade adoptiva difere da parentalidade biológica (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002; Relvas & Alarcão, 2002).

Na literatura científica, poucos são os estudos que abordam o tema da adopção do ponto de vista dos adoptantes (Levy-Shiff, Goldshmidt & Har-Even, 1991). Neste sentido, a presente investigação procura trazer uma nova óptica, contribuindo para aumentar os conhecimentos acerca desta temática, em particular, no contexto da população portuguesa.

A dissertação está organizada em várias secções: inicia-se com um primeiro capítulo, o “Enquadramento Conceptual”, onde se articulam os conceitos e ideias

---

<sup>1</sup> A presente investigação insere-se no âmbito de um estudo mais vasto sobre Stress e Bem-Estar em Famílias Adoptivas a decorrer, presentemente, num serviço público de adopção. Uma vez que o estudo se encontra, ainda, em curso, e por questões éticas que se prendem com o anonimato e confidencialidade dos dados, não serão, aqui, prestadas mais informações.



retiradas da revisão de literatura sobre o tema; um segundo capítulo, o “Processo Metodológico”, no qual se explicita o contorno metodológico, o desenho da investigação, a estratégia metodológica de selecção da amostra, de recolha e de análise dos dados; um terceiro capítulo, “Apresentação e Discussão dos Resultados” onde se analisa, discute, e se especula acerca dos resultados encontrados, tendo por base a literatura revista e, no último capítulo, “Conclusão” em que são apresentadas as reflexões finais sobre as principais conclusões deste estudo, limitações e possíveis implicações para a intervenção no terreno e em investigações futuras.

# 1 - Enquadramento Conceptual

## 1.1. Funcionamento Familiar

Nas famílias adoptivas, segundo Brodzinsky e Pinderhughes (2002), apesar da maior parte das tarefas familiares serem semelhantes às das famílias biológicas, existem tarefas e problemáticas específicas que, ao longo do ciclo de vida, criam desafios adicionais aos pais adoptivos e às suas crianças. Entre as diversas particularidades, estão aquelas relacionadas com a decisão de adoptar, a adaptação inicial à parentalidade, a revelação, ajudar a criança a lidar com o seu sentimento de perda e promover uma imagem positiva de si e das suas origens.

Apesar dos desafios que os pais adoptivos enfrentam nas diversas fases do ciclo de vida, serem maiores quando comparados com os pais biológicos, segundo Brodzinsky e Huffman (1988), os primeiros têm uma percepção mais positiva dos seus papéis e classificam-se com níveis mais elevados de prazer, satisfação e competência, do que os pais biológicos (citado por Levy-Shiff *et al.*, 1991).

Deste modo, existem diversos factores que ajudam os casais adoptivos a ultrapassar o *stress* associado à adopção, e a obter resultados bastante positivos, no que respeita à criança, aos pais e ao ajustamento familiar. Destaca-se a idade dos casais adoptivos como consideravelmente mais velhos e com maior probabilidade de terem aprendido a lidar melhor com o *stress* da vida, e possuindo, geralmente, uma melhor condição financeira (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002; Levy-Shiff, *et al.*, 1991). Adicionalmente, estes casais encontram-se, geralmente, casados há mais tempo do que os casais não-adoptivos, o que, por sua vez, está associado a casais que apresentam uma maior sensibilidade a lidar com os problemas, melhor comunicação e mais estratégias de *coping* para ultrapassar situações de conflito. Em consequência a um extenso período de frustração e dor emocional associada à infertilidade e ao tempo de espera da criança, os casais adoptivos classificam de uma forma mais positiva as suas vivências enquanto novos pais, uma vez que, apresentam melhores percepções daquilo que são as suas adaptações à parentalidade (Levy-Shiff, *et al.*, 1991). Encontram-se assim, mais dispostos e prontos a aceitar as mudanças significativas que ocorrem nos padrões de vida quotidiana, e a reconhecer as tensões relacionadas com a transição para a parentalidade. Por fim, os candidatos à adopção passam por uma maior preparação

formativa, através do trabalho realizado junto das técnicas dos serviços de adopção. Este trabalho de educação e suporte é particularmente importante no estabelecimento de expectativas parentais mais realistas, principalmente nas situações de crianças com cuidados especiais (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002).

De acordo com o que foi dito anteriormente, torna-se pertinente, para uma melhor compreensão do contexto em que vivem as famílias adoptivas, estudar o funcionamento familiar e as variáveis que contribuem para o seu equilíbrio. Da diversidade de modelos de funcionamento familiar que existem, consideramos que a perspectiva de funcionamento familiar de Olson (2000) é particularmente útil, ao se focar no sistema e em três dimensões - coesão, adaptabilidade e comunicação – relevantes para a caracterização do clima relacional familiar.

A **coesão** familiar diz respeito aos laços emocionais, existentes entre os membros da família, e ao grau de autonomia que um sujeito experiencia no seu sistema familiar. Está, assim, presente em diversos comportamentos, tais como, a regulação dos limites e hierarquias, a partilha do tempo e do espaço, a tomada de decisões em conjunto, a forte ligação emocional com expressão clara dos afectos, um marcado sentido de identidade e de pertença compatível com as necessidades de autonomia individuais, entre outros (Olson, 2000; Olson & Gorral, 2003; Segrin & Flora, 2005).

A **adaptabilidade** familiar avalia a capacidade do sistema familiar mudar a sua estrutura de poder, os papéis e as regras das relações, em resposta a uma situação de *stress* situacional e de desenvolvimento. Manifesta-se, sobretudo, na comunicação assertiva existente entre cada membro familiar, nos processos adequados de controlo, na qualidade positiva das práticas educativas, na capacidade de negociação, na coerência e flexibilidade dos papéis familiares, na clareza e adequabilidade da aplicação das regras. As famílias que são altamente adaptáveis, mudam e adaptam-se facilmente, em resposta às exigências do ambiente (Olson, 2000; Olson & Gorral, 2003; Segrin & Flora, 2005).

A **comunicação** conjugal e familiar tem como objectivo facilitar o movimento/fluidez nas duas dimensões anteriormente descritas. Uma qualidade positiva da comunicação caracteriza-se, entre outros atributos, por capacidades de escuta, de conversação, de abertura própria (partilha de sentimentos em relação a si e à relação), bem como por respeito e atenção, expressão afectiva positiva e assertividade (Olson, 2000; Olson & Gorral, 2003; Segrin & Flora, 2005).

Num estudo de Muñoz, Rebollo e Fernández-Molina (2005) com famílias adoptivas, os autores concluíram que estas são mais afectivas e comunicativas que as

famílias biológicas e manifestam um adequado grau de controlo dos seus filhos. No entanto, os temas que podem provocar mais conflitos entre os pais adoptivos e as crianças, são os relacionados com as tarefas escolares, os deveres em casa e o tempo de ver televisão. No caso dos adolescentes adoptados, um dos principais temas de conflito é, para além dos mencionados, o grupo de amigos a que pertencem.

Alguns dos conflitos que se estabelecem entre os pais e os filhos, podem, contudo, ser adaptativos, se os pais utilizarem uma forma adequada de abordá-los e resolvê-los, fomentando o diálogo, a tolerância e a procura de soluções consensuais com os filhos (Muñoz *et al.*, 2005).

No contexto da adopção, a integração de uma criança no seio de um casal, provoca mudanças a vários níveis, que causam diversas situações de *stress* (Relvas & Alarcão, 2002), sendo por isso crucial compreender quais os factores de protecção existentes em cada situação. Garmezy e colaboradores (1984) identificaram três principais factores protectores: os atributos da criança, a coesão e o afecto familiar, e a disponibilidade e uso de sistemas sociais de apoio (citado por Henry, 1999). Por sua vez, Seligman (1992) considera a existência de um conjunto de traços de personalidade que contribuem para a resiliência: o optimismo, espírito de aventura, auto-conhecimento, humor, capacidade de trabalho e capacidade de compreender as emoções (citado por Henry, 1999). As crianças resilientes são caracterizadas como activas, humorosas, confiantes, competentes, preparadas para assumir riscos, flexíveis e confiantes dos seus recursos internos e externos.

Relvas e Alarcão (2002) realizaram um estudo sobre o *stress* em famílias adoptivas, tendo concluído que as famílias adoptivas se sentem significativamente mais satisfeitas com a coesão, mas mais insatisfeitas com a adaptabilidade familiar, do que as famílias biológicas. Tal facto é explicado por Melina (1998), que afirma que os casais adoptivos sentem-se tão gratos por terem a criança que sentem dificuldade em exercer a sua autoridade e disciplina (citado por Relvas & Alarcão, 2002).

Grotevant, Dunbar, Kohler, e Esau (2007), ao estudarem o sentido de identidade em famílias adoptivas – enquanto forte indicador de coesão - verificaram que múltiplos factores influenciam o seu desenvolvimento. Destacam-se as experiências precoces, o ajustamento da criança no seio da família e da comunidade envolvente, e os preconceitos existentes na sociedade acerca da adopção, em geral, e em casos específicos em particular. Os rituais familiares, por exemplo, a celebração do dia da chegada da criança à casa do casal, ou outros eventos familiares significativos para pais

e filhos, permitem a vivência de experiências configuradoras e organizadoras da própria identidade familiar (Sousa, 2006).

## **1.2. Satisfação Conjugal**

O casamento parece assumir funções protectoras, uma vez que o amor e a intimidade, constituem uma fonte de apoio emocional, que aumenta a auto-estima e a auto-confiança, essenciais para lidar com o *stress* (Narciso, Costa & Prata, 2002).

Torna-se, assim, pertinente analisar a conjugalidade, e compreende-la à luz dos conceitos de qualidade e satisfação, que embora diferentes, estão interactivamente ligados. “*A qualidade conjugal poderá ser definida como o desempenho na e da relação*” (Narciso & Ribeiro, 2009, p. 59), podendo ser avaliada a partir de um observador externo, através de critérios anteriormente definidos, numa investigação prévia, tanto a um nível empírico como teórico. Por sua vez, a satisfação resulta de uma avaliação subjectiva do casamento, facultada a partir do ponto de vista dos cônjuges.

Os processos afectivos cruciais para a satisfação conjugal, dizem respeito aos sentimentos de amor, à intimidade e ao compromisso, considerados como os “motores da relação” (Narciso & Ribeiro, 2009). A intimidade amorosa, definida pelos sentimentos de amor e pela sexualidade, inclui vários processos relacionais, destacando-se a partilha e auto-revelação, o apoio emocional, a confiança, a interdependência e a mutualidade (Narciso, 2001). O compromisso, enquanto processo afectivo, tem subjacente o desejo e a intenção de investir na relação, o que remete para sentimentos de lealdade, devoção e dedicação (compromisso pessoal), e não apenas o compromisso estrutural (ter de continuar a relação) e moral (dever de continuar a relação) (Narciso & Ribeiro, 2009).

São também relevantes os processos operativos ou comportamentais que incluem processos como a comunicação, os conflitos, a resolução de conflitos e o controlo relacional. No casamento, a comunicação tem uma dupla finalidade: expressar os sentimentos de amor e de intimidade física e psicológica, e a resolução de problemas do quotidiano. Os casais felizes envolvem-se em mais actividades conjuntas e passam mais tempo juntos, existindo maior expressividade entre os cônjuges (Narciso & Ribeiro, 2009). O conflito é um processo interpessoal que ocorre na ausência temporária de compatibilidade de desejos, necessidades, ambições ou objectivos entre o casal. Embora qualquer relação de intimidade passe por momentos de conflitos, o que distingue os casais satisfeitos dos insatisfeitos, são as estratégias (aversivas ou positivas) que usam

para os resolver e o modo como lidam com conflitos não resolvidos (Gottman & Silver, 2001). O controlo relacional está associado às relações de equidade, que remetem para a noção de influência, justiça e compreensão mútua (Narciso, 2001; Narciso & Ribeiro, 2009).

Saliente-se, ainda, o papel dos processos cognitivos fortemente inter-relacionados – crenças, percepções, atribuições e expectativas - na satisfação conjugal, que, tal como os processos afectivos e os comportamentais, a influenciam e que são por ela influenciados. As percepções sobre o cônjuge e sobre a relação constituem um forte indicador de satisfação conjugal, já que representam a avaliação subjectiva sobre o parceiro e sobre a relação. Os casais satisfeitos percebem a sua relação positivamente, através do recurso a alguns processos cognitivos, tais como a memória selectiva para a informação que é negativa sobre o outro, a sobrevalorização da informação positiva sobre o parceiro e sobre a relação, atribuições positivas e expectativas de eficácia relacional (Narciso, 2001).

Constituem, ainda, factores influentes na conjugalidade, factores pessoais (características da personalidade, padrões de vinculação, motivação para o casamento, etc.), factores contextuais (família de origem, rede social e trabalho, escola, etc.), factores demográficos (idade, género, estatuto sócio-económico, origem cultural, etc.) e factores associados ao tempo e ao percurso de vida conjugal (duração do casamento, situações normativas e não-normativas, etc.) (Narciso, 2001).

### **1.3. Parentalidade e Estilos Parentais Educativos**

A construção de uma família e o seu desenvolvimento constituem situações referenciadas como geradoras de *stress*. Naturalmente, a família adoptiva, tal como outro tipo de famílias, está sujeita a momentos indutores de *stress*, e a situações específicas inerentes à sua condição. A chegada da criança representa durante os primeiros meses, um período de incertezas, frustrações e perdas, expectativas, novos desafios, papéis e responsabilidades, e um grande número de emoções causadoras de *stress*, afectando cada elemento do casal individualmente e o relacionamento entre ambos (Relvas & Alarcão, 2002).

A parentalidade diz respeito às funções executivas de protecção, educação e integração na cultura familiar das gerações mais novas (Sousa, 2006). A transição para a parentalidade é encarada como um período de crises normativas, que requer ajustes significativos face ao aumento das tarefas diárias (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002).

Nesta fase, qualquer pessoa irá lembrar-se da natureza da relação que tinha com o seu próprio pai, mãe ou irmão, recorrendo, assim, às suas representações parentais, para o estabelecimento da nova relação que vai criar com a sua própria criança. As expectativas de se tornarem pais podem assumir, inconscientemente, uma função reparadora, na tentativa de corrigir aspectos não resolvidos da história de vida pessoal do sujeito (Santona & Zavattini, 2005). No entanto, a função parental não se encontra apenas relacionada com a personalidade dos pais. Belsky, Crnic e Gable (1995) propuseram um modelo de parentalidade multifactorial, que inclui as diversas variáveis da qual resulta a parentalidade. São elas: as características dos pais, isto é, as histórias de vida e os recursos pessoais de cada membro do casal; o vínculo do casal e os seus aspectos relacionais; as características das crianças, ou seja, o temperamento, as capacidades cognitivas e a capacidade de regulação emocional; e por fim, o contexto social, percebido como uma fonte de *stress* ou de suporte, incluindo relações com a família alargada e a disponibilidade de serviços sociais de apoio, que adquire especial importância no contexto da adopção.

A chegada do primeiro filho representa uma fase de grande desenvolvimento, associada a alterações significativas nos estilos de vida, em que ocorrem mudanças profundas a nível pessoal, conjugal, familiar e social. A transição para a parentalidade requer, assim, o estabelecimento de regras parentais e a criação de novas regras de funcionamento na família. Esta transição, na parentalidade adoptiva, tende a ser abrupta, uma vez que não existe qualquer envolvimento gradual do papel parental, podendo existir uma maior dificuldade dos pais adoptivos em lidar com os seus sentimentos relacionados com a parentalidade, do que os pais biológicos. Com a chegada da criança, o estatuto de pais adoptivos não está plenamente assegurado, já que terão de passar por um período de pré-adopção, em que há a possibilidade de a criança até ao final não ficar com os mesmos. Este facto impede alguns pais adoptivos de se ligarem emocionalmente à criança de uma forma rápida e profunda (Relvas & Alarcão, 2002; Levy-Shiff *et al.*, 1991).

No processo de integração da criança a uma nova família, os padrões educativos dos pais, desempenham um papel importante na adaptação e socialização dos filhos ao seu meio envolvente (Spera, 2005). Assim, estilos parentais e práticas educativas são dimensões fundamentais na parentalidade, seja ela biológica ou adoptiva. Darling e Steinberg (1993) ressaltam a importância de se manter clara a distinção entre estes dois conceitos.

As práticas educativas são comportamentos específicos e directivos, através do qual os pais desempenham os seus deveres parentais (Darling & Steinberg, 1993). São utilizadas com o objectivo de incentivar a ocorrência de comportamentos adequados e suprimir comportamentos inadequados das crianças (Alvarenga, 2001, citado por Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004). Segundo Spera (2005), as práticas parentais têm por base três constructos relevantes. O primeiro diz respeito ao envolvimento parental, na qual os pais se esforçam para se envolverem directamente nas actividades e decisões escolares dos filhos, o que aumenta a motivação e o sucesso no desempenho das actividades (Epstein & Sanders, 2002). O segundo, a monitorização parental, consiste em proporcionar às crianças actividades com os pares, supervisionadas depois da escola (Spera, 2005). Por último, os objectivos, valores e aspirações parentais, correspondem aos desejos dos pais sobre resultados que pretendem ver os seus filhos alcançar.

Por sua vez, os estilos parentais, são o conjunto de atitudes face à criança, que contribuem para a formação de um clima emocional, no qual os comportamentos são expressos (Darling & Steinberg, 1993). Deste modo, são manifestações dos pais em direcção aos seus filhos, caracterizando a natureza da interacção entre eles (Reppold *et al.*, 2002, citado por Weber *et al.*, 2004).

Para uma melhor descrição do comportamento parental e dos estilos parentais, torna-se pertinente considerar duas principais dimensões: o controlo parental e o suporte parental (Pereira, 2007). O controlo é uma dimensão com implicações no ajustamento social da criança, que promove a conformidade e a aceitação das regras e normas sociais, mantendo o desenvolvimento da sua autonomia (Barber, Olsen & Shagle 1994). Particularmente, existem dois tipos básicos de controlo: o controlo comportamental e o controlo psicológico.

Entende-se por controlo comportamental as manifestações que visam controlar ou gerir o comportamento da criança, sendo comum o uso de estratégias disciplinares como o recurso a práticas de indução (procura-se induzir a criança através de explicações parentais) e de coerção (recurso à punição física, à privação de objectos materiais ou privilégios) (Barber *et al.*, 1994; Steinberg, 2005).

Falamos de controlo psicológico quando a afirmação da autoridade parental é assegurada através do uso de técnicas emocionais manipulativas como a retirada de amor e a indução de culpa (Steinberg, 2005). Podem existir três tipos de controlo psicológico: cognitivo (limita o pensamento independente), emocional (limita a



expressão emocional) e comportamental (restringe o comportamento, tornando a criança mais dependente) (Pereira, 2007).

A dimensão suporte parental consiste no comportamento dos pais que é orientado para a criança. Estes apresentam disponibilidade afectiva, sensibilidade face aos estados psicológicos dos filhos e adequação na resposta às necessidades psicológicas da criança (Pereira, 2007). O suporte emocional promove a auto-estima e reduz a probabilidade de ocorrência de problemas emocionais e comportamentais (Rohner, 2004). A ausência desse suporte pode levar a rejeição parental.

Na década de 60, as investigações de Diana Baumrind levaram à formulação de três tipos de estilos parentais que se considera serem decisivos no processo de desenvolvimento das crianças e jovens, são eles: o autoritário, o autoritativo e o permissivo (Baumrind, 2005).

No estilo autoritário, os pais apresentam altos níveis de controlo e baixos níveis de responsividade e de afecto com os filhos, de acordo com um padrão de funcionamento rígido/absoluto (Baumrind, 1966, citado por Cecconello, Antoni & Koller, 2003). São valorizados o respeito pela autoridade, o respeito pelo trabalho, pela ordem e pela preservação das estruturas tradicionais. Estes pais recorrem à punição e a medidas de força, no sentido de incutirem padrões de comportamento desejados (Baumrind, 1995, citado por Mupinga, Garrison & Pierce, 2002).

No estilo autoritativo, os pais orientam as actividades da criança de uma forma racional, encorajam a troca de ideias, explicam a razão de ser das decisões tomadas e, quando a criança desobedece, solicitam que esta lhes explique a razão do seu não conformismo (Baumrind, 1966, citado por Weber *et al.*, 2004). Para além disso, regulam a sua conduta, corrigindo as atitudes negativas do filho e gratificando as suas atitudes positivas. A disciplina é imposta de forma indutiva e a comunicação entre pais e filhos é clara e aberta, sendo baseada no respeito mútuo (Baumrind, 1966, citado por Cecconello *et al.*, 2003). Pais com este estilo educativos são, geralmente, afectuosos e responsivos às necessidades da criança e solicitam frequentemente a sua opinião nas tomadas de decisões, proporcionando oportunidades para o desenvolvimento das suas competências.

Pais com um estilo permissivo evitam exercer o controlo e a punição, tentando comportar-se de modo positivo e aceitante relativamente aos desejos e comportamento dos seus filhos. Deste modo, exigem pouca responsabilidade e comportamento ordeiro, dando autonomia à criança para tomar as suas próprias decisões. Apresentam níveis de

afecto e responsividade moderados ou mesmo elevados, procuram utilizar a razão, mas evitam a utilização de poder expresso, perdendo frequentemente o controlo da situação. Crianças pouco estruturadas e, conseqüentemente, muito dependentes, são comuns a pais com este estilo parental educativo (Baumrind, 1966, citado por Pereira, 2007).

O controlo parental autoritativo é, segundo Baumrind (2005), mais efectivo que os restantes tipos de controlo exercidos pelos estilos autoritário e permissivo, uma vez que estas crianças apresentam um elevado grau de competência social, assertividade, maturidade e autonomia.

Mais tarde, o modelo de estilos parentais de Baumrind (1966) foi reformulado por Maccoby e Martin (1983), que identificaram quatro estilos parentais: o autoritativo, o autoritário, o indulgente e o negligente (citado por Cecconello *et al.*, 2003). Deste modo, esta nova classificação separa o estilo permissivo de Baumrind em dois: o indulgente (pais afectivos e comunicativos que não estabelecem regras nem limites para a criança, que são excessivamente tolerantes e não monitorizam o comportamento dos seus filhos) e o negligente (pais que tendem a manter os seus filhos à distância, promovem pouca estimulação intelectual e são pouco empenhados nas actividades dos filhos, estando mais centrados nos seus próprios interesses).

A expressão dos estilos parentais em famílias adoptivas, encontra-se pouco estudada na literatura. Numa investigação levada a cabo por Muñoz, Rebollo, Fernández-Molina e Morán (2007), a análise de algumas dinâmicas familiares, revelou que as famílias adoptivas percebem-se como mais afectivas, comunicativas, indutivas, menos críticas e indulgentes, comparativamente às percepções que as famílias biológicas têm de si. Do mesmo modo, numa investigação de Marquis e Detweiler (1985), os adolescentes adoptados consideram, também, que os seus pais são mais afectuosos, protectores e apresentam mais condutas de ajuda e consolo, do que os adolescentes não-adoptados (citado por Muñoz *et al.*, 2007). Para além disso, de acordo com Bernedo (2003) e Palacios, Sánchez & Sánchez (1996), as famílias adoptivas, mantêm também um adequado grau de controlo sobre o comportamento dos filhos (citado por Muñoz *et al.*, 2005). Ao contrário do que se especula, as famílias adoptivas não são mais permissivas do que as famílias biológicas, visto manterem relações mais positivas e democráticas com os seus filhos (Palacios, Sánchez & Sánchez, 1996, citado por Muñoz *et al.*, 2007). Os estudos acima referidos, apesar de não avaliarem directamente os estilos educativos parentais, apresentam resultados que parecem apontar para uma predominância de características do estilo autoritativo, nas famílias adoptivas.

## **2 - Processo Metodológico**

### **2.1. O Contorno Metodológico**

Num estudo empírico, é primordial a escolha do paradigma que rege e caracteriza a investigação, uma vez que este é definido como um sistema básico de crenças, valores e pressupostos que guiam o investigador sobre a natureza do mundo, a posição do indivíduo nele e a sua relação com ele (Guba & Lincoln, 1994).

A presente investigação insere-se no paradigma Pós-Positivista, o qual decorre de uma perspectiva empírica, e considera a existência de uma realidade objectiva, que apenas é apreendida de um modo imperfeito e probabilístico, devido às características intelectuais do investigador e à natureza complexa do objecto de estudo (Guba & Lincoln, 1994; Daly, 2007).

#### **2.1.1. Investigação Qualitativa**

Neste paradigma, considera-se pertinente a utilização de uma metodologia mista, qualitativa e quantitativa (Denzin & Lincoln, 2005), a qual é frequentemente usada por investigadores sistémicos (Burk, 2005).

A metodologia qualitativa – central no presente estudo - ao invés da quantitativa, caracteriza-se por se centrar na interpretação, baseando-se nas experiências vividas pelos participantes, e orienta-se para os processos e não para os resultados (Marshall, 1999).

A utilização simultânea ou sequencial de métodos quantitativos na investigação qualitativa, pode assumir uma função complementar, de acordo com o objectivo em estudo (Kohlbacher, 2006). Segundo Gillham (2000), *“diferentes métodos apresentam diferentes pontos fortes e fracos. Se eles convergirem, podemos estar razoavelmente confiantes de que estamos a obter a imagem verdadeira”* (citado por Kohlbacher, 2006, p. 9).

A combinação de métodos qualitativos e quantitativos, ou seja, a triangulação de métodos, tem a vantagem de produzir diferentes resultados que podem ser relacionados entre eles, tendo como dois principais objectivos: (1) confirmar ou infirmar os resultados prévios obtidos, reforçando a validade dos resultados da investigação; (2)

expandir o conhecimento adquirido sobre o fenómeno em estudo, pela combinação de diferentes estratégias de investigação (Kelle, 1995).

Na presente dissertação, são utilizados métodos quantitativos de recolha e análise de dados, a partir da aplicação de escalas e questionários e métodos qualitativos a partir de entrevistas semi-estruturadas.

## **2.2. Desenho da Investigação**

A presente investigação assume um desenho metodológico misto, embora predominantemente qualitativo, com um carácter exploratório.

### **2.2.1. Questão Inicial**

A questão inicial surge como ponto de partida que pretende estruturar coerentemente uma investigação. No nosso estudo, partimos da seguinte interrogação inicial:

*“Como se caracteriza o clima relacional familiar das famílias adoptivas?”*

### **2.2.2. Mapa Conceptual**

O *Clima Relacional Familiar* é analisado, neste estudo, a partir da dinâmica interactiva das variáveis consideradas: *Funcionamento Familiar*, *Parentalidade* e *Satisfação Conjugal*. Pretendemos, assim, representar, no mapa conceptual (Figura 1), os principais constructos ou variáveis a investigar e as relações existentes entre elas.

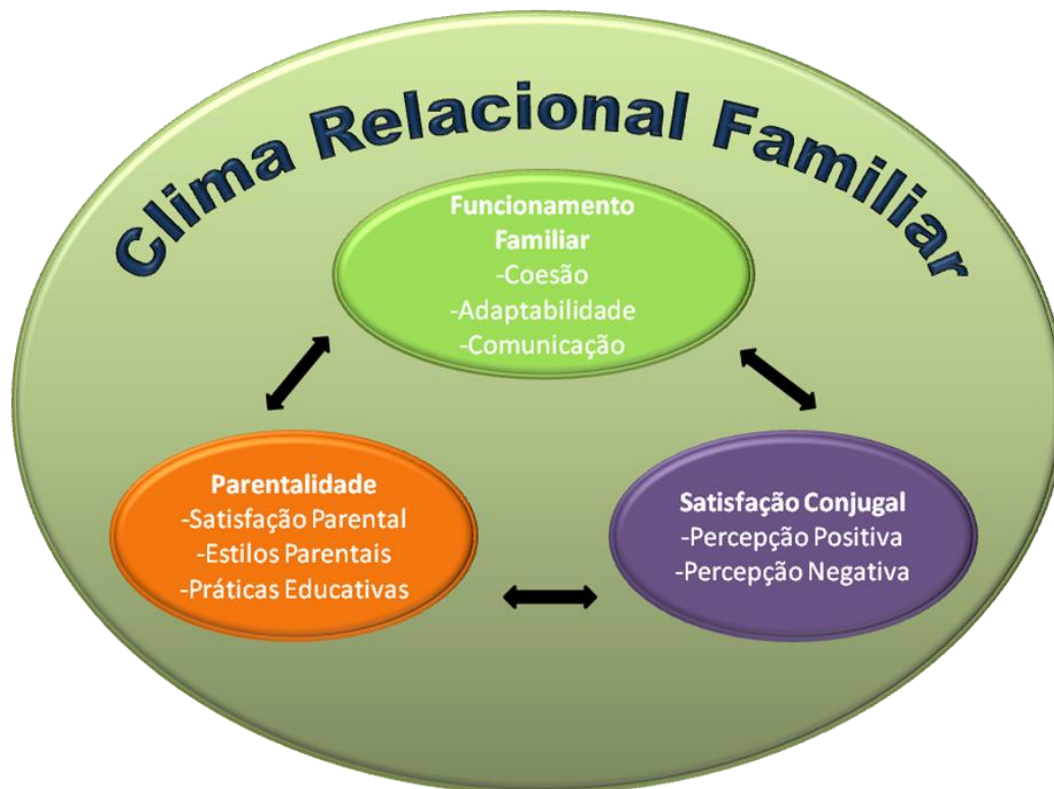


Figura 1 – Mapa Conceptual

### 2.2.3. Objectivos gerais e específicos

A presente investigação tem como objectivo geral compreender o Clima Relacional Familiar nas famílias adoptivas. A partir deste, distinguimos os seguintes objectivos específicos:

1. Analisar o funcionamento familiar, particularmente no que se refere à coesão, adaptabilidade e qualidade de comunicação, em famílias adoptivas;
2. Analisar a percepção da satisfação conjugal em casais adoptivos;
3. Investigar indicadores de satisfação parental e factores que influenciam o desempenho da parentalidade em casais adoptivos;
4. Analisar estilos parentais e práticas educativas em casais adoptivos.

### 2.2.4. Questões de Investigação

Na sequência dos objectivos enunciados, colocaram-se as seguintes questões de investigação relativamente aos casais adoptivos participantes:

1. Qual o nível de coesão familiar presente nas famílias adoptivas da amostra considerada? Quais os indicadores de coesão familiar mais valorizados pelos casais adoptivos participantes?
2. Qual o nível de adaptabilidade familiar presente nas famílias adoptivas da amostra considerada? Quais os indicadores de adaptabilidade familiar mais valorizados pelos casais adoptivos participantes?
3. Como é caracterizada a comunicação nas famílias adoptivas participantes?
4. Qual o grau de satisfação conjugal percebido pelas famílias adoptivas da amostra considerada? Quais os indicadores de satisfação conjugal mais valorizados pelos casais adoptivos participantes?
5. Qual a percepção que os casais têm da sua satisfação parental, nomeadamente ao nível do desempenho parental e da relação com o filho?
6. Quais os estilos parentais e as práticas educativas predominantes nos casais adoptivos participantes?
7. Quais as inter-relações entre o funcionamento familiar, a parentalidade e a percepção da satisfação conjugal e qual o seu impacto no clima relacional familiar nas famílias adoptivas participantes?

### **2.3. Estratégia Metodológica**

#### **2.3.1. Estudo de casos**



O estudo de caso pode ser utilizado com vários objectivos: descrever, explorar ou explicar a partir do estudo de um único ou de vários casos. Na investigação aqui descrita, optou-se por um estudo simultâneo de vários casos (casais em situação de parentalidade adoptiva) – estudo colectivo de casos – cujo objectivo é contribuir para uma melhor compreensão da temática em causa, através de uma comparação contínua entre os dados e a teoria revista. Deste modo, é possível encontrar semelhanças e discrepâncias, isto é, se existe ou não suporte empírico para a teoria que vai emergindo (Stake, 1994).

#### **2.3.2. Selecção e caracterização da amostra**

A amostra do presente estudo é uma amostra de conveniência constituída por 10 casais (20 participantes), que adoptaram crianças entre 2004 e 2007 através de um serviço público de adopção.

Tal como se encontra enunciado na Tabela 1, a média de idades dos participantes masculinos é de 45 anos e a média de idades dos participantes femininos é de 43 anos. Todos têm uma formação universitária e são casados, tendo uma duração média do casamento de 15 anos. A idade média dos filhos adoptados é de 6 anos, sendo que três casais têm também filhos biológicos.

**Tabela 1 – Caracterização da amostra**

		
<b>Idade média dos participantes</b>	45 anos	43 anos
<b>Habilitações Literárias</b>	Ensino superior: 100%	
<b>Estado Civil</b>	Casados: 100%	
<b>Duração média do casamento<sup>2</sup></b>	15 anos	
<b>Idade média dos filhos adoptados</b>	6 anos	
<b>Número de casais com filhos biológicos</b>	3	

### 2.3.3. Instrumentos Utilizados na Recolha de Dados

Como já foi referido, nesta investigação são utilizados métodos qualitativos e quantitativos de recolha de dados, embora haja um predomínio dos primeiros.

#### 2.3.3.1. A entrevista semi-estruturada

Nas entrevistas semi-estruturadas, o investigador constrói um guião flexível que serve como um guia para que o entrevistador se possa concentrar no que está a ser dito, e facilita a análise dos dados ao fornecer domínios e categorias gerais.

O guião da entrevista, foi construído no âmbito do estudo mais vasto sobre *Stress* e Bem-Estar em Famílias Adoptivas já anteriormente referido. No presente estudo,

<sup>2</sup> Na amostra de 10 casais, 3 não responderam a este item.

apenas serão considerados os blocos temáticos da entrevista que servem os objectivos da investigação<sup>3</sup>.

As entrevistas foram realizadas pela investigadora responsável pelo estudo referido – Professora da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL) - e por colaboradoras – alunas do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica Sistémica da FPUL - com conhecimentos sobre a área em estudo. Estas decorreram no domicílio dos participantes ou num gabinete da FPUL, tendo a duração média de duas horas. A decisão sobre o local, dia e hora era tomada pelos entrevistados, após serem informados do tempo de duração da entrevista. Esta era realizada em conjunto com os dois elementos do casal.

#### 2.3.3.2. Escalas e Questionários

Foi utilizado um protocolo de investigação com várias escalas e questionários, sendo que, para o presente estudo, apenas foram consideradas os seguintes instrumentos<sup>4</sup>: Questionário Geral; Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC; Narciso & Costa, 1996); Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP; Robinson, Mandlco, Olsen & Hart, 1995; 2001) – adaptação portuguesa (Pedro, Carapito & Ribeiro, 2007) em versão experimental; Escala de Avaliação da Coesão e Adaptabilidade Familiar II (FACES II; Olson, Portner & Bell, 1982, 1992)<sup>5</sup> e Questionário de Avaliação da Satisfação Parental<sup>6</sup>.

As escalas e questionários não foram usadas para fins estatísticos, mas sim como forma de obter dados complementares à entrevista, permitindo uma comparação compreensiva dos casos.

- *Questionário Geral*

---

<sup>3</sup> Dado que o estudo referido se encontra, ainda em curso, não se apresenta, em Anexo I, o guião completo da entrevista, mas apenas alguns excertos do mesmo.

<sup>4</sup> Consultar os instrumentos utilizados em Anexo II.

<sup>5</sup> As versões experimentais não se encontram ainda publicadas, fazendo parte de uma investigação mais abrangente no âmbito de estudos para Mestrado e Doutoramento, na FPCE-UL, coordenados pelas Professoras Doutoras Maria Teresa Ribeiro, Isabel Narciso e Ana Maria Ferreira.

<sup>6</sup> Este instrumento foi desenvolvido, e está ainda a ser estudado, no âmbito do estudo mais vasto sobre Stress e Bem-Estar em Famílias Adoptivas, anteriormente referido.



Este questionário pretende obter dados sócio-demográficos, nomeadamente, quanto ao sexo dos participantes, a sua escolaridade, origem étnica/racial, idade, profissão, zona de residência, estado civil, agregado familiar, situação relacional, filhos, acompanhamento psicológico ou psiquiátrico e religiosidade.

- *Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC)*

Esta escala foi criada em 1996, com o objectivo de avaliar a satisfação conjugal, que resulta da forma subjectiva como o indivíduo avalia o seu casamento (Narciso & Costa, 1996). É um instrumento de auto-avaliação da satisfação, que fornece indicadores da satisfação experienciada em várias áreas da vida conjugal, assim como da satisfação conjugal global.

A escala é constituída por 44 itens, organizados em cinco áreas relativas à dimensão funcionamento conjugal (funções familiares, tempos livres, autonomia, relações extra-familiares, e comunicação e conflitos), e a cinco áreas relativas à dimensão amor (sentimentos e expressão de sentimentos, sexualidade, intimidade emocional, continuidade, características físicas e psicológicas). As respostas são dadas numa escala de Likert em seis pontos, que variam entre *Nada Satisfeito* (1) e *Completamente Satisfeito* (6).

No estudo psicométrico da escala, realizado por Narciso e Costa (1996), a análise factorial evidenciou uma elevada consistência interna da mesma (coeficientes *alpha* de Cronbach para cada um dos factores superiores a 0,90). Passados 15 anos, uma investigação levada a cabo sobre a Conjugalidade e Parentalidade<sup>7</sup>, revelou que a escala apresenta um factor único (ao contrário do que acontecia quando foi criada) e indicou novamente um elevado *alpha* de Cronbach (0,97), o que significa que a escala apresenta uma boa consistência interna, validando-a para este estudo.

- *Questionário de Dimensões e Estilos Parentais – versão reduzida (QDEP)*

Este questionário pretende avaliar empiricamente os três principais estilos parentais – Autoritativo, Autoritário e Permissivo – propostos por Diana Baumrin, e

---

<sup>7</sup> Investigação não publicada, no âmbito de estudos para Mestrado e Doutoramento, na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FP-UL), coordenados por Maria Teresa Ribeiro, Isabel Narciso e Ana Ferreira.

identificar práticas parentais decorrentes desses estilos (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 1995).

No presente estudo, utilizou-se uma versão reduzida do QDEP, composta por 32 itens. As respostas são dadas numa escala de Likert, que varia entre *Nunca* (1) e *Sempre* (5), de acordo com a frequência das situações descritas em cada um dos itens.

A versão original revelou no estudo psicométrico, indicadores de uma consistência interna que variam entre muito boa (*alpha* Cronbach de 0,83 no estilo Autoritativo e de 0,81 no estilo Autoritário) e razoável (*alpha* Cronbach de 0,65 no estilo Permissivo). A versão experimental portuguesa evidencia bons índices de consistência, com um *alpha* de Cronbach 0,83 na dimensão Autoritativo, *alpha* de Cronbach 0,81 na dimensão Autoritária, e um *alpha* de Cronbach 0,65 na dimensão Permissivo. Assim, a leitura dos dados relativamente ao Estilo Permissivo (que apresenta o índice mais fraco de fiabilidade), deve ser feita com relatividade e cautela.

- *Family Adaptability and Cohesion Scale (FACES II) - Escala de Avaliação da Coesão e Adaptabilidade Familiar II*

A FACES II é um instrumento de auto-relato que avalia o funcionamento familiar em duas dimensões, a coesão e a adaptabilidade, segundo o Modelo Circumplexo de Olson. (Olson, Portner & Bell, 1982, 1992).

A escala é composta por 30 itens, dos quais 14 itens medem a flexibilidade e capacidade de mudança (Adaptabilidade) e 16 itens mensuram a fronteira emocional entre os membros familiares (Coesão). As respostas pontuam-se numa escala de Likert de 5 pontos, que varia de *Quase Nunca* (1) a *Quase Sempre* (5), conforme a frequência com que as interações/comportamentos descritos ocorrem.

O instrumento apresenta uma boa consistência interna, apresentando um *alpha* de Cronbach de 0,78 na dimensão da Adaptabilidade, 0,87 na dimensão Coesão e 0,90 na escala total (Olson, Portner & Bell, 1982, 1992).

A versão utilizada no presente estudo, é uma adaptação portuguesa da FACES II, resultante de um estudo não publicado, a decorrer na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Investigação no âmbito de estudos para Mestrado e Doutoramento, na FP-UL, coordenados por Maria Teresa Ribeiro, Isabel Narciso e Ana Ferreira.

- *Questionário de Avaliação da Satisfação Parental*

Este questionário utiliza uma escala de tipo Likert, variando entre 1 e 5, pretendendo-se avaliar: (A) *o grau de satisfação com a relação com o filho* (1 – Muito insatisfeito; 2 – Insatisfeito; 3 – Nem Insatisfeito nem Satisfeito; 4 – Satisfeito; 5 – Muito Satisfeito); (B) *o grau de satisfação com o desempenho do papel parental* (1 – Muito insatisfeito; 2 – Insatisfeito; 3 – Nem Insatisfeito nem Satisfeito; 4 – Satisfeito; 5 – Muito Satisfeito); (C) *a percepção de consonância entre as expectativas prévias quanto à relação com o filho e a realidade actual* (1 – Muito Pior; 2 – Pior; 3 – Nem Pior, nem Melhor; 4 – Melhor; 5 – Muito Melhor); (D) *a percepção de consonância entre as expectativas prévias quanto ao desempenho do papel parental e a realidade* (1 – Muito Pior; 2 – Pior; 3 – Nem Pior, nem Melhor; 4 – Melhor; 5 – Muito Melhor).

#### **2.3.4. Procedimento de recolha de dados**

Através do serviço público de adopção em que se contextualiza a presente investigação, foi efectuado um primeiro contacto com as famílias que adoptaram crianças entre 2004 e 2007, no sentido de solicitar a sua colaboração no estudo já referido. Foram explicados os objectivos, foi assegurado o anonimato dos participantes e estes foram informados sobre a futura ocorrência de um contacto telefónico das orientadoras da dissertação, para verificar a disponibilidade para a participação no estudo.

Depois de confirmada a possibilidade de participação, através do contacto telefónico, os pais adoptivos agendaram a data e o local da realização da entrevista e do preenchimento dos instrumentos. Antes do início da entrevista, era pedido aos casais participantes que respondessem, separadamente, ao protocolo de investigação. Terminado o preenchimento, estes eram colocados num envelope, ao qual era atribuído um código.

Com a autorização dos participantes, as entrevistas foram gravadas, e, posteriormente, transcritas.

#### **2.3.5. Análise dos Dados**

Após a transcrição das entrevistas, estas foram importadas para um *software* específico de análise qualitativa dos dados – *Nvivo* 8, o qual permite aos investigadores, classificar, ordenar e organizar milhares de conjuntos de informação<sup>9</sup>.

O processo de análise dos dados iniciou-se a partir de “categorias-mãe” criadas em função dos objectivos da investigação, e, consequentemente, dos blocos temáticos do guião da entrevista.

Seguiu-se, então, a fase de codificação aberta das entrevistas. Por codificação aberta, entende-se a nomeação de segmentos de dados – na presente investigação, a codificação era efectuada sobre as unidades de sentido resposta/tema -, ou seja, a criação de similaridades sobre aquilo que os participantes descreveram (sobre um objecto, acção, situação, etc.). Estes indicadores comuns deram origem a categorias e sub-categorias de correntes de cada “categoria-mãe”<sup>10</sup> (Daly, 2007).

A organização em categorias “*é uma fase sensível do processo e deverá ser realizada por mais de um investigador de modo a que os resultados possam ser comparados e assim garantir a fidelidade da investigação*” (Ribeiro, 2010, p.68). Na presente dissertação, a codificação e resultante categorização foi feita ao longo da recolha de dados, tendo havido um trabalho conjunto dos mestrandos e da investigadora responsável pelo estudo, para analisar discrepâncias emergentes.

Relativamente aos dados quantitativos, e uma vez que não se pretendia efectuar uma análise estatística, foram apenas calculadas as médias relativas às dimensões de cada instrumento para cada um dos participantes.

Finalizada esta primeira fase de análise qualitativa e quantitativa dos dados, construímos *dossiers* de caso<sup>11</sup>, onde se apresenta, para cada casal, uma síntese dos principais resultados. Tais *dossiers* permitiram uma análise comparada dos resultados intra-caso e inter-casos, a qual fundamenta a apresentação e discussão dos resultados.

---

<sup>9</sup> Exemplo de excerto codificado pelo *software Nvivo*8 em Apêndice I.

<sup>10</sup> Vide tabela de categorias e sub-categorias utilizadas em Apêndice II.

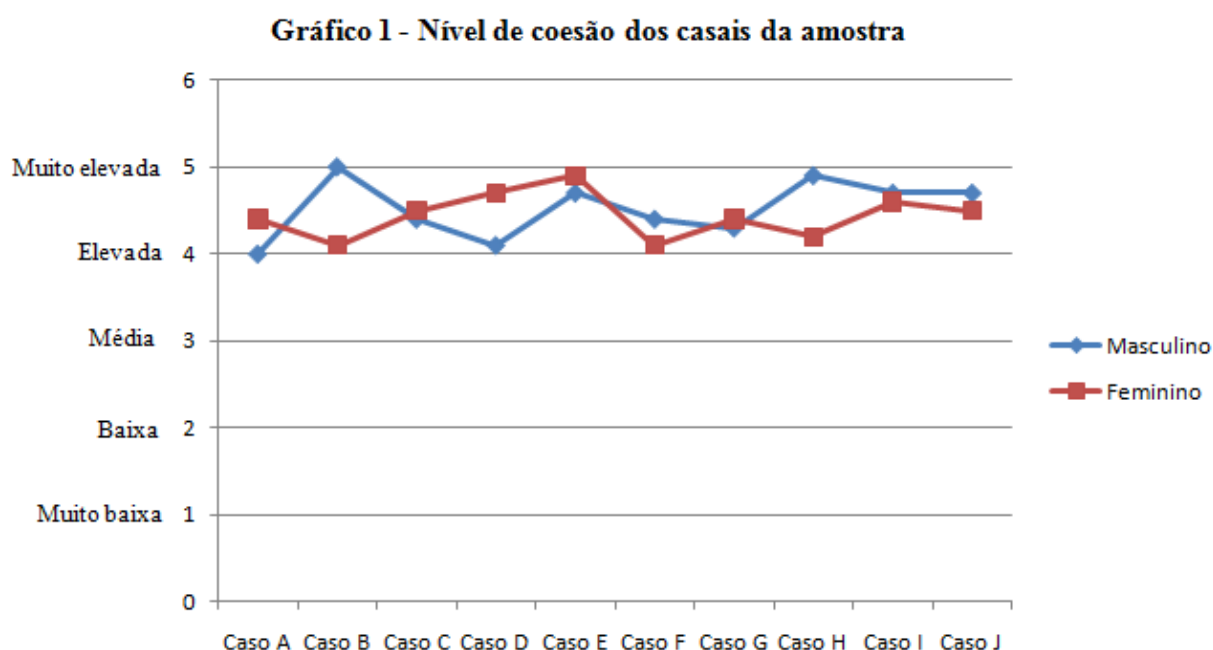
<sup>11</sup> Análise intra-casos em Apêndice III.

### 3 - Apresentação e Discussão dos Resultados

Realizando uma análise inter-casos, torna-se possível verificar padrões e tendências de resposta da amostra considerada. Com essa visão comparativa, a informação pode ser trabalhada e organizada de forma a permitir uma abordagem compreensiva das questões de investigação, organizando possíveis respostas. Por esta razão, optámos por estruturar o presente ponto com base nas perguntas da investigação, que seguidamente apresentamos.

#### 1. Qual o nível de coesão familiar presente nas famílias adoptivas da amostra considerada? Quais os indicadores de coesão familiar mais valorizados pelos casais adoptivos participantes?

Na amostra considerada, através da análise dos resultados recolhidos do instrumento FACES II, conclui-se que o nível de coesão familiar<sup>12</sup> é elevado (9 participantes) ou muito elevado (11 participantes). Na comparação de sexos, como ilustra o Gráfico 1, o sexo masculino obteve, em média, uma coesão muito elevada (4.5)



<sup>12</sup> A coesão familiar diz respeito aos laços emocionais, existentes entre os membros da família, e ao grau de autonomia que um sujeito experiencia no seu sistema familiar (Olson, 2000; Olson & Gorral, 2003; Segrin & Flora, 2005).

e o sexo feminino obteve uma média elevada (4.4). Assim, como a diferença é bastante reduzida, é de realçar a concordância existente nos casais sobre a apreciação que fazem da sua coesão, o que também poderá constituir um indicador de coesão familiar.

Na análise compreensiva realizada, destacaram-se os seguintes indicadores de coesão familiar: *discutir e resolver os problemas em família* (50%)<sup>13</sup>; *irmãos protectores* (20%); *percepção de família chegada/unida/coesa* (70%); *valorizam/partilham o tempo em conjunto* (90%); *família alargada aceita a adopção* (60%); *bom relacionamento com a família alargada* (50%); *rivalidade fraterna* (20%).

A visão positiva que as famílias têm do seu nível de coesão familiar e a elevada frequência de indicadores (por exemplo, 9 em 10 famílias valorizam explicitamente o tempo que passam em conjunto) vêm na linha de estudos que indicam que os pais adoptivos se sentem muito satisfeitos com a forte ligação emocional existente entre os elementos familiares (Relvas & Alarcão, 2002), como é visível no seguinte excerto:

*“E: Só uma última questão. Quais são os aspectos mais positivos da vossa família? A vossa família, os 3.*

*I2: A unidade, sermos unidos amigos e unidos. E queremos construir algo. Conseguimos superar dificuldades com o objectivo de construir um futuro.*

*II: Sim, eu penso que é a unidade. (...) E a unidade de facto que nós temos. Sentimo-nos mesmo uma família. Um bloco familiar. Estamos a construir algo e cada um de nos está de facto a participar, a pôr o seu blocozinho na construção daquilo que nos pretendemos, da família em si.”*

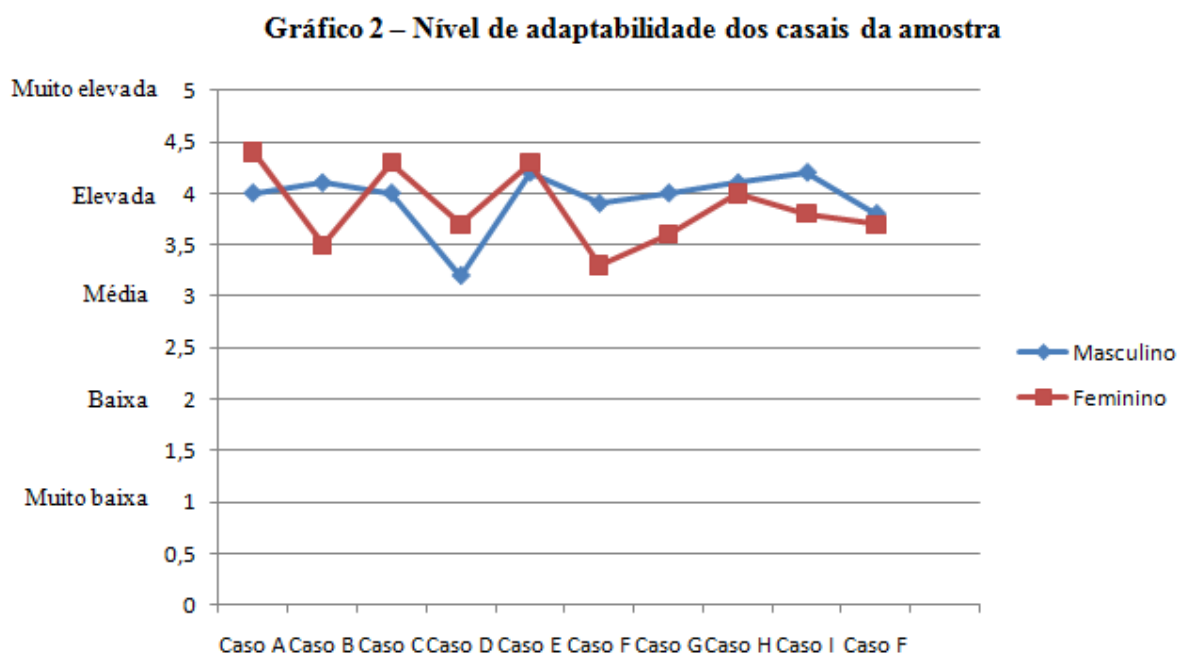
A maior duração de casamento dos casais adoptivos, face aos casais biológicos, poderá contribuir para um aumento da coesão familiar, permitindo à família o desenvolvimento de recursos internos para lidar de forma construtiva com o processo de adopção (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002; Levy-Shiff, *et al.*, 1991). No presente estudo, esse tempo é, em média, de 15 anos, estando associado a casais que apresentam uma maior sensibilidade a lidar com os problemas e a obter resultados bastante positivos, no que respeita à criança, aos pais e ao ajustamento familiar (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002; Levy-Shiff, *et al.*, 1991).

---

<sup>13</sup> As percentagens utilizadas referem-se ao número relativo de participantes onde o indicador em causa foi identificado.

## 2. Qual o nível de adaptabilidade familiar presente nas famílias adoptivas da amostra considerada? Quais os indicadores de adaptabilidade familiar mais valorizados pelos casais adoptivos participantes?

Nos casais adoptivos participantes, os dados obtidos através do instrumento FACES II permitem determinar que o nível médio de adaptabilidade<sup>14</sup> é elevado. No sexo masculino e feminino, a média de adaptabilidade é elevada (4 e 3.9 respectivamente), sendo que dois participantes (um de cada sexo) apresentam um nível médio de adaptabilidade (Gráfico 2).



Desta forma, as famílias adoptivas participantes aparentam ter uma boa capacidade de adaptação, essencial para que consigam lidar com os desafios inerentes ao processo de adopção. Assim, estes casais terão passado por um processo de aprendizagem e maturação que lhes terá permitido desenvolver as suas competências para ultrapassar as dificuldades encontradas, activando e optimizando os seus recursos internos (Relvas & Alarcão, 2002).

<sup>14</sup> A adaptabilidade familiar avalia a capacidade do sistema familiar mudar a sua estrutura de poder, os papéis e as regras das relações, em resposta a uma situação de *stress* situacional e de desenvolvimento (Olson, 2000; Olson & Gorral, 2003; Segrin & Flora, 2005).

Os indicadores de adaptabilidade familiar, mais valorizados pelos casais analisados foram os seguintes: *diálogo sobre a melhor forma de resolver os problemas* (60%); *disponibilidade em fazer cedências* (10%); *recorrer a profissionais de ajuda* (10%); *apoio de familiares e amigos* (50%); *dificuldade no estabelecimento de novas rotinas* (10%); *partilha de responsabilidades* (50%); *percepção do sentimento de segurança da criança* (50%); *dificuldades de adaptação na família alargada* (10%).

De acordo com a literatura sobre famílias adoptivas, existe uma tendência crescente da família em procurar resolver as dificuldades em relação ao processo de adaptação da criança adoptada, recorrendo a ajudas externas profissionais (Relvas & Alarcão, 2002). Segundo Brodzinsky (1990), esta tendência em recorrer a serviços especializados, não significa um crescimento dos problemas, mas uma forma diferente de encarar a adopção e as suas idiossincrasias. Na nossa amostra, apenas 10% dos casais recorre a ajuda externa profissional, existindo uma tendência geral para utilizar recursos internos quando confrontados com os problemas inerentes a uma família adoptante, destacando-se o diálogo sobre a resolução dos problemas, a ajuda de familiares e amigos e a partilha de responsabilidades como as estratégias de adaptação mais utilizadas. Tal é consonante com Foli e Thompson (2006), quando afirmam que os pais adoptivos estão melhor preparados para sofrer menos *stress* e depressão. É importante ainda reconhecer que os casais da amostra participaram voluntariamente no presente estudo, o que só por si pode ser um indicador da existência de um clima relacional positivo, decorrendo deste facto uma menor incidência de dificuldades ou problemas familiares e um menor recurso a serviços de apoio especializado.

A percepção do sentimento de insegurança da criança, é um dos indicadores mais referidos pelas famílias em estudo, como uma das mais significativas dificuldades iniciais, que com o passar do tempo vai sendo ultrapassado, como ilustra o seguinte excerto:

*“Lembro-me dele não querer ir embora, vomitou no caminho de regresso e tudo, logo no primeiro dia. Depois veio no dia a seguir também e sexta-feira fomos buscá-lo.*

*J1: E à noite já dormiu.*

*J2: Sim. E durante uma semana, que é outra memória que eu tenho muito viva, não queria sair à rua! Tinha medo!*

*(risos)*



*E: Tinha medo de voltar.*

*J2: Sim, de voltar. Ele durante uma semana era um castigo.”*

A existência de um longo período de espera entre o momento em que o casal se une e decide ter filhos, e o momento da chegada da criança adoptada é um dos factores mais importantes aquando do estabelecimento do novo sistema familiar adoptivo (Relvas & Alarcão, 2002). De acordo com Carter, McGoldrick e colaboradores (1989, citado por Relvas e Alarcão, 2002), dez anos é o tempo médio desse período, sentido por alguns casais como uma fase de frustração e dor emocional. Contudo, este mesmo processo contribui para que os casais adoptivos desenvolvam uma maior capacidade de aceitar as mudanças significativas, reconhecer e lidar com as tensões relacionadas com a transição para a parentalidade (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002; Levy-Shiff, *et al.*, 1991). Do mesmo modo, na amostra em estudo, os casais parecem ter desenvolvido as referidas capacidades, o que poderá justificar a elevada adaptabilidade registada.

### **3. Como é caracterizada a comunicação nas famílias adoptivas participantes?**

A caracterização dos fenómenos e processos comunicacionais é essencial para ocorrer uma melhor compreensão do funcionamento familiar das famílias adoptantes, pois a comunicação define a realidade familiar, estabelecendo um espaço de criação, partilha e regulação de significados (Segrin & Flora, 2005). Para o estabelecimento de um clima saudável, deverão existir dinâmicas comunicacionais positivas que facilitem o ajustamento familiar e reforcem os processos de coesão. No presente estudo, a análise dos dados recolhidos manifesta uma prevalência de indicadores positivos. A totalidade da amostra expressa satisfação pela forma como os elementos da família comunicam entre si e a grande maioria dos participantes (90%) refere existir uma comunicação livre entre os membros da sua família. Também positiva é a ocorrência de situações de diálogo sobre adopção nas famílias estudadas (60%), como é perceptível no seguinte excerto:

*“J2: Porque nós sempre falámos com o João concretamente sobre a história dele, e ele gosta imenso da história dele. Às vezes é ele que pede: “Oh mãe, conta lá outra vez como é que era” ou “Como é que foi quando*

*foram?”, ele gosta dessa história. Deve ser como as outras crianças gostam de ouvir a...*

*E: A história do nascimento.*

*J2: A história do nascimento! Embora no princípio não, não quisesse falar sobre o assunto. Aqueles tais meses no início...*

*E: Sim, sim.*

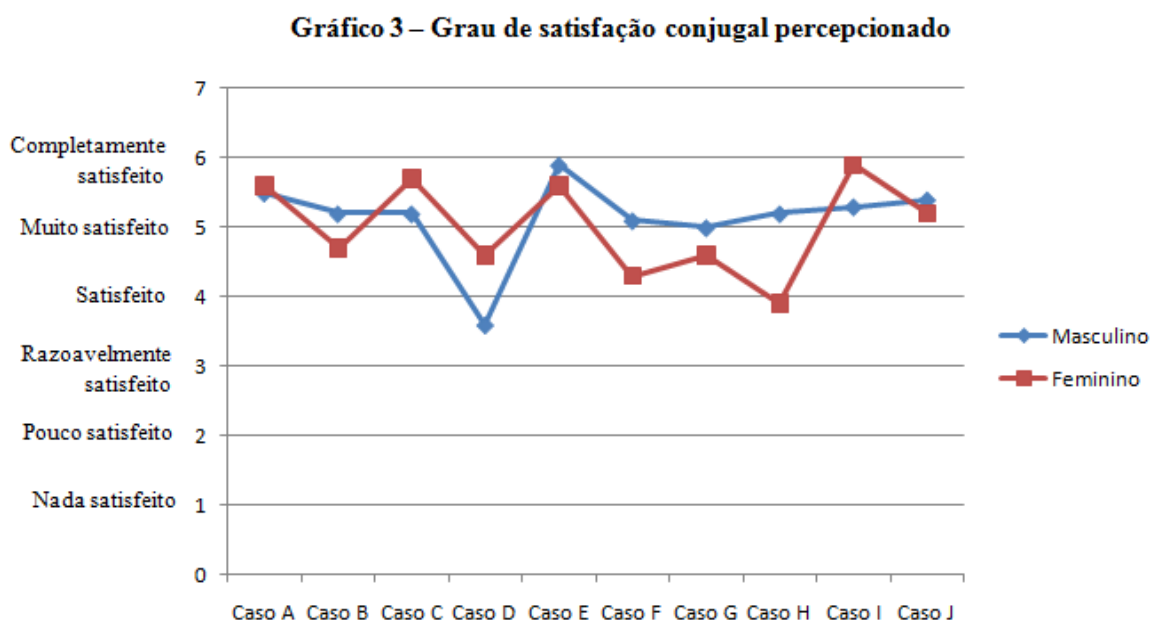
*J2: Em que ele tinha as coisas muito... Ainda estava a tentar arrumar tudo.*

*E ele logo no princípio quando começou a querer conversar até era ele que arrumava e dizia: “Pois eu estava noutra escola não era? Depois vim para aqui, vim para casa.”*

A prevalência de indicadores de comunicação positiva não invalida a necessidade de identificar indicadores de comunicação negativa que, apesar da sua baixa incidência na amostra considerada, podem ter um efeito pernicioso no clima familiar. Reconhecer estes fenómenos poderá permitir a sua gradual substituição, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de uma comunicação familiar cada vez mais satisfatória. Nas famílias adoptivas em estudo, foram identificados alguns indicadores de comunicação negativa, embora pouco frequentes, tais como a negação ou dificuldade de expressão de informações e sentimentos (20%), o facto do tema da adopção ainda não ter sido abordado (20%) e as dificuldades ao nível da gestão das discussões (5%). Os resultados encontrados relativamente à prevalência de comunicação positiva estão na linha do estudo de Muñoz e colaboradores (2005) que concluíram que as famílias adoptivas são mais comunicativas e afectivas do que as famílias biológicas.

**4. Qual o grau de satisfação conjugal percebido pelas famílias adoptivas da amostra considerada? Quais os indicadores de satisfação conjugal mais valorizados pelos casais adoptivos participantes?**

O grau de satisfação conjugal percepcionado<sup>15</sup> pelos casais participantes, avaliado através da EASAVIC (Gráfico 3), foi em média muito satisfatório (5.1 no género masculino e 5 no género feminino), correspondendo este nível a 55% da amostra, sendo que 30% da amostra está completamente satisfeita e 15% encontra-se satisfeita.



O facto de todos os casais se encontrarem casados (com uma duração média de matrimónio de 15 anos) poderá ter um efeito de protecção, pois uma relação de amor e intimidade aumenta a auto-estima e auto-confiança, dotando os casais de uma maior capacidade de lidar com situações de stress (Narciso, Costa & Prata, 2002).

Na análise comparativa dos dados, identificaram-se os seguintes indicadores de percepção conjugal positiva: *satisfação face ao sentimento para com o cônjuge* (100%), *momentos só para o casal* (30%), *adaptação a novas rotinas* (30%) *cooperação e tomada de decisões em conjunto* (20%), *satisfação face à relação com a família do cônjuge* (10%), *satisfação face à gestão financeira* (10%), *partilha de responsabilidade e de tarefas* (10%).

Os dados obtidos identificam uma percepção global positiva da satisfação conjugal, o que, segundo Narciso (2001), constitui um forte indicador de satisfação conjugal. Desta forma, os casais satisfeitos percebem positivamente a sua relação,

<sup>15</sup> A satisfação conjugal resulta de uma percepção subjectiva do casamento, facultada a partir do ponto de vista dos cônjuges (Narciso & Costa, 1996).

sobrevalorizando a informação positiva sobre o cônjuge e desvalorizando informação potencialmente negativa. O seguinte excerto ilustra a forma como um casal consegue adequar a sua rotina enquanto sub-sistema, mantendo uma percepção positiva da sua conjugalidade:

*“E: Qual é que foi o impacto do André na vossa relação de casal?”*

*I2: Foi um impacto positivo. Também crescemos e aprendemos com ele. Tínhamos um casamento diferente do que temos agora e acho que nos veio enriquecer muito como casal.*

*(...)*

*E: Continuam a ter o vosso tempo para namorar e o vosso espaço para serem só os dois?*

*I2: Continuamos.*

*E: E relativamente à vida pessoal de cada um, também houve mudanças, coisas que tiveram de deixar de fazer, actividades ou que tivessem deixado de fazer por falta de tempo, por causa do Pedro?*

*I2: Nós conseguimos integrar, alterámos horários. Por exemplo, nós vamos a um ginásio, tanto ele como eu, antes íamos depois do trabalho, e agora mudámos e vamos à hora do almoço portanto alteramos certas coisas e adaptamos.*

*(...)*

*I1: Sim, de resto não deixamos de fazer as coisas que sempre gostamos de fazer. Namorar, passear... O André fica com a tia, normalmente fica sempre com familiares.*

*I2: Vamos ao cinema às vezes, ele fica com a prima.*

*I1: A brincar. Às vezes vice-versa, vão os tios e ficamos nós com ela. E é assim, temos a nossa vida.”*

A capacidade dos casais em manter uma percepção positiva da sua satisfação conjugal, está, segundo Barker (2000), associada a mecanismos de confiança e respeito mútuo, da qual decorrem formas eficazes de reconhecer e resolver conflitos.

Na amostra em estudo, ocorreram também alguns registos de indicadores negativos que é oportuno mencionar: *ter menos tempo para o casal* (55%), *abdicar de actividades do casal* (35%), *divergências em relação a estratégias parentais* (10%),

*insatisfação face à partilha de responsabilidade e de tarefas (5%), insatisfação face à atenção dispensada pelo cônjuge (5%), insatisfação face à relação com a família do cônjuge (5%) e conflitos no casal (5%).* O facto de os casais terem menos tempo para si e acabarem por abdicar de algumas actividades é aceite pela maioria dos participantes como algo que decorre naturalmente do investimento temporal exigido pela parentalidade. A existência de insatisfações pontuais evidencia as dificuldades inerentes ao processo de adopção, que afectam cada elemento individualmente, assim como o relacionamento do casal (Relvas & Alarcão, 2002). Em casos onde a relação conjugal atinja níveis de maior insatisfação, poderão faltar os elementos necessários para uma unidade familiar funcional e bem sucedida (Barker, 2000).

##### **5. Qual a percepção que os casais têm da sua satisfação parental, nomeadamente ao nível do desempenho parental e da relação com o filho?**

Para melhor compreendermos a satisfação parental em famílias adoptantes, é pertinente compreender o processo pela qual passam antes de se tornarem pais. O pedido de adopção está primeiramente sujeito à aprovação de técnicos, em função de uma aprofundada avaliação psico-social, o que, geralmente, conduz a um aumento da ansiedade e diminuição da auto-confiança. A este facto, acresce a incerteza pelo tempo de espera até à chegada da criança, que conduz a sentimentos de angústia, confusão e impotência entre os futuros pais adoptivos. Estes são também confrontados com o estigma da sociedade, que valoriza a parentalidade biológica e remete a adopção como uma segunda via para se atingir a parentalidade. Por último, quando os casais anunciam a sua intenção em adoptar, estão mais sujeitos a comentários depreciativos e de menor suporte por parte da sua família alargada, nomeadamente, quando a pretensão envolve crianças de outras raças/etnias ou de cuidados especiais (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002).

Os pais adoptivos enfrentam, assim, grandes desafios antes da concretização da adopção. No entanto, a passagem por um processo formativo, torna-se importante no sentido do estabelecimento de expectativas parentais mais realistas (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002; Levy-Shiff, *et al.*, 1991). Todo este processo de preparação irá ter um impacto na satisfação parental e, segundo Brodzinsky & Huffman (1988), estes pais caracterizam-se com um nível mais elevado de satisfação com o seu desempenho parental (citado por Levy-Shiff *et al.*, 1991).

Na presente amostra, os casais adoptivos percebem-se como muito satisfeitos no modo como desempenham o seu papel parental (Tabela 2 e Tabela 3).

<b>Temáticas \ Casos</b>	<b>A1</b>	<b>B1</b>	<b>C1</b>	<b>D1</b>	<b>E1</b>	<b>F1</b>	<b>G1</b>	<b>H1</b>	<b>I1</b>	<b>J1</b>	<b>Total</b>
Desemp. papel	4	4	5	4	5	5	4	5	4	5	5-Mt Sat.
Relação filho	4	5	5	3	5	5	4	5	4	5	5-Mt Sat.
Expec. desemp. relação	3	3	4	2	5	4	3	5	4	5	4-Melhor
Expec. desemp. papel	3	2	4	3	4	4	4	5	4	4	4-Melhor

**Tabela 2 - Registo das respostas ao Questionário de Avaliação da Satisfação Parental (género masculino)**

<b>Temáticas \ Casos</b>	<b>A2</b>	<b>B2</b>	<b>C2</b>	<b>D2</b>	<b>E2</b>	<b>F2</b>	<b>G2</b>	<b>H2<sup>16</sup></b>	<b>I2</b>	<b>J2</b>	<b>Total</b>
Desemp. papel	4	4	5	4	5	4	5	—	5	5	5-Mt Sat.
Relação filho	5	4	5	4	5	4	5	—	5	5	5-Mt Sat.
Expec. desemp. relação	5	3	3	5	5	3	5	—	5	4	4-Melhor
Expec. desemp. papel	4	4	3	4	4	5	5	—	4	4	4-Melhor

**Tabela 3 - Registo das respostas ao Questionário de Avaliação da Satisfação Parental (género feminino)**

No que toca à relação actual com o filho, os pais adoptivos da presente amostra avaliam-na como muito satisfatória, superando o que esperavam inicialmente (Tabela 1 e Tabela 2). A percepção de uma boa integração da criança, o sentimento de prazer nas actividades em conjunto e a satisfação face ao grande desenvolvimento da criança (ao nível psicológico, físico e escolar) são os factores mais referidos pelos casais participantes como fonte de satisfação parental. A um nível menos frequente, verificam-se outros factores como novos projectos de adopção, a existência de uma relação de grande cumplicidade e afecto com o filho e a fácil adaptação a novas rotinas, que também contribuem para a satisfação parental.

A percepção que os casais têm do seu desempenho parental é idêntica em ambos os sexos, superando, de uma forma geral, as suas expectativas iniciais.

<sup>16</sup> A participante não respondeu a este Questionário de Avaliação da Satisfação Parentalidade.

Porém, há a ocorrência de um caso em que desempenhar o papel parental é pior do que estes esperavam inicialmente:

*“E: E das dificuldades todas que tiveram, quais são aquelas que vos causam mais stress?”*

*B2: Ai, a teimosia.*

*B1: A teimosia.*

*B2: É horrível. É muito desgastante porque, a certa altura, não temos argumentos e depois ele tem tendência a responder e, às vezes, nós também temos tendência a responder ao que ele diz e não pode ser, porque senão aquilo não pára e não se consegue.*

*B1: O grau de teimosia dele...*

*B2: É maior e não sei... (risos).*

*B1: Excedeu as expectativas. Em termos de escola, a grande falta de capacidade de concentração.*

*B2: E de cumprir as regras também.”*

Por seu turno, existem também factores mencionados pelos sujeitos da amostra que poderão contribuir para uma diminuição da satisfação no exercício da parentalidade, tais como as dificuldades em lidar com os comportamentos disruptivos da criança, as dificuldades na adaptação a novas rotinas e, decorrente destas, uma sensação de um certo cansaço no exercício da parentalidade.

O confronto com a realidade pode ser algo complexo, ainda mais inserido num processo de adopção, onde as expectativas dos pais, por vezes, criam objectivos grandiosos que podem conduzir a um sentimento de uma certa desilusão (Foli e Thompson, 2006). Felizmente para as famílias consideradas, o cenário encontrado é bem mais positivo.

*II: (...) parece que as coisas assim têm mais vida. Quando vamos de férias, com o André, coisas que a gente nunca tinha experimentado... Ir para a*

*praia, levar os baldinhos, levar essas coisas. A gente valoriza muito, ficamos muito entusiasmados, e isso veio também enriquecer muito mais o nosso casamento, o nosso relacionamento um com o outro, muito mais enriquecedor porque temos algo de facto em comum que a gente gosta muito. Que é o André. E isso para nós tem sido bastante enriquecedor.*

*(...)*

*E: Têm projectos de ter mais filhos, ou não?*

*I1: Temos.*

*I2: Temos já um processo.*

*E: Já estão noutro processo de adopção?*

*I1: Já foi aceite.*

*E: E o André?*

*I1: O André é “a irmã? Quando é que vem a irmã?”*

*E: É uma menina.*

*I2: O João foi o principal, nós também queremos, mas o João pediu-nos muito.*

*E: Ele é que começou a pedir.*

*I2: Sim, porque os primos têm todos irmãos, os amigos têm muitos irmãos e então nós também queremos mas ele está muito feliz porque vai ter uma mana e eu penso que vai ser a altura certa...*

*I1: Para falar da adopção.*

*I2: Para lhe explicar a adopção.*

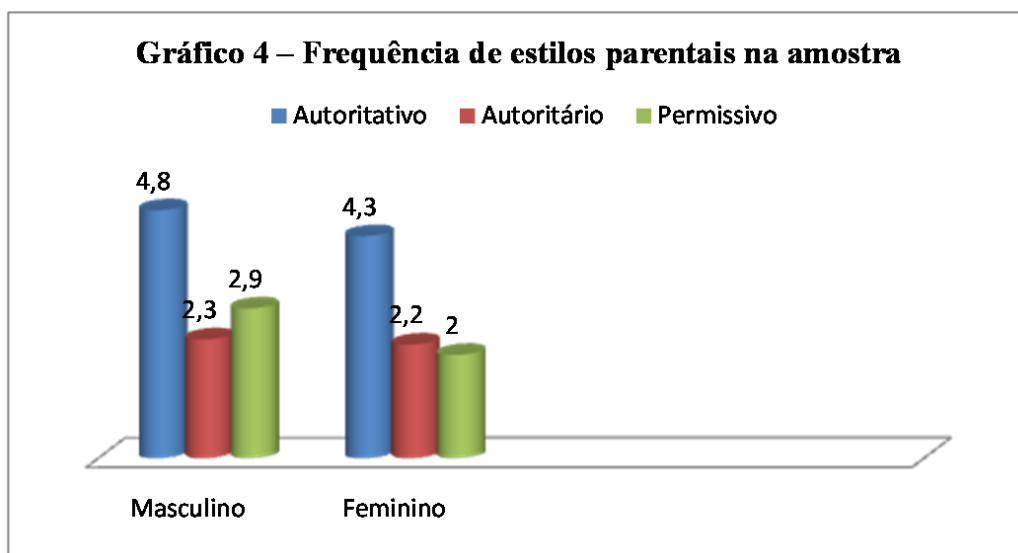
Segundo Dinis (2003), para que uma adopção seja bem sucedida, é importante que os pais se sintam satisfeitos, contribuindo para um clima familiar mais seguro. A capacidade de gerir eventuais dificuldades que possam surgir será, desta forma, superior, pois é comum, nesta fase, a criança testar os pais adoptivos, procurando esta perceber se é realmente aceite como um membro efectivo da família (Relvas & Alarcão, 2002).

## **6. Quais os estilos parentais e as práticas educativas predominantes nos casais adoptivos participantes?**



É frequente os pais questionarem-se sobre a melhor forma de educar os seus filhos. No caso das crianças adoptadas, apesar do grande sofrimento associado ao sentimento de perda da família biológica, precisam, ainda assim, de ter regras para o seu comportamento, de modo a poderem ocupar o seu lugar na família e na sociedade (Verrier, 2007).

Na presente amostra, com base nos dados do instrumento QDEP, verifica-se que o estilo parental autoritativo predomina em todos os sujeitos analisados. Contudo, na análise comparativa de estilos, os pais parecem ser tendencialmente mais permissivos do que as mães, que, apresentam, por sua vez, como segundo estilo parental mais frequente, o estilo autoritário, como ilustra o Gráfico 4.



Na análise dos dados, é possível identificar, de acordo com Maccoby e Martin (1983) um conjunto de indicadores que evidenciam a prevalência do estilo autoritativo (citado por Cecconello *et al.*, 2003). A totalidade dos casais participantes afirma explicar os castigos atribuídos à criança, 40% encorajam o filho a expressar-se livremente e procura atingir um acordo com o cônjuge sobre os princípios educativos; e 30% elogiam o filho quando este se comporta bem. Estes factores são valorizados, como descrito no primeiro capítulo, no modelo de Baumrind (1966, citado por Weber *et al.*, 2004).

Contudo, em menor frequência, são referidos pelos casais participantes, indicadores relativos ao estilo autoritário, sendo que 25% caracterizam o cônjuge como autoritário e, 10% caracterizam o cônjuge como permissivo. É de referir, que no

exercício da parentalidade, os pais combinam várias destas estratégias, conforme as situações com que se defrontam (Reppold *et al.*, 2002, citado por Weber *et al.*, 2004).

No que diz respeito às práticas educativas, as mais comuns nos casais adoptivos participantes (em 40% dos casos) são o recurso à punição física e mandar a criança sentar-se no quarto, a fim de esta reflectir sobre a sua conduta. A retirada de privilégios é uma prática adoptada em 30% das situações descritas. A utilização destas práticas evidencia práticas mais positivas e mais negativas de controlo comportamental. No pólo negativo, destaca-se a coerção, nomeadamente o uso de punição física e a privação de objectos materiais ou privilégios, que exercem uma pressão para que a criança se comporte de acordo com os desejos dos pais. Por outro lado, no pólo positivo, o uso da indução, como a explicação por parte dos pais da necessidade e das razões para que a criança tenha um determinado comportamento, reflectem a tentativa dos pais em obter uma obediência voluntária das crianças (Barker *et al.*, 1994; Steinberg, 2005). A utilização de práticas indutivas permite que a criança interiorize o princípio de conduta, aplicando-o no futuro de forma autónoma (Barber *et al.*, 1994). No excerto seguinte, é visível um exemplo de aplicação desta prática:

*“E: Como é que vocês estabelecem as regras com o João quando ele não cumpre as regras, o que é que fazem? Como é que ele reage? Ele fica...”*

*J2: Houve uma altura, eu creio que foi logo na fase a seguir, os 3 anos e meio... Muitas vezes ele ficava de castigo, eu acho que ele aí interiorizou muito bem a questão da disciplina. Ficava muitas vezes de castigo pronto. Ficava ali 3min no quarto a pensar se ia arrumar o que tinha feito...*

*E: O castigo era ficar no quarto?*

*J2: Era. Mas não ficava fechado nem nada. Pronto, ficava sentado. Que era aquela história dos 3min, eu acho que vi isso num programa de televisão, com psicólogos e crianças.*

*E: Sim.*

*J2: E aquilo resultava muito bem, ele percebia sempre que tinha feito asneira, que aquilo era consequência do que tinha feito, depois a seguir conversávamos... A coisa funcionava muito bem. E agora, é sempre assim, ele sabe quais são as regras, e pronto, o J1 acha que eu sou muito branda porque converso muito com ele... Mas as coisas correm bem...”*

A situação relatada vai ao encontro da posição de Verrier (2007), que defende como uma boa prática disciplinar, mandar a criança para o quarto mantendo a porta aberta, de modo a que esta não se sinta isolada e abandonada. Segundo a autora, as crianças mais jovens precisam por vezes de algum tempo para “arrefecer” e pensar no seu comportamento.

Conclui-se assim, que os dados da presente amostra corroboram a tendência identificada na literatura, de que as famílias adoptivas mantêm um adequado grau de controlo sobre os filhos (Benedo, 2003; Palacios, Sánchez & Sánchez, 1996, citado por Muñoz *et al.*, 2005).

#### **7. Quais as inter-relações entre o funcionamento familiar, a parentalidade e a percepção da satisfação conjugal e qual o seu impacto no clima relacional familiar nas famílias adoptivas participantes?**

A resposta a esta pergunta remete para a própria interrogação presente na concretização do Mapa Conceptual (Figura 1) que orienta esta investigação. Para compreender o clima relacional familiar que vigora nas famílias adoptivas participantes, bem como as inter-influências das variáveis consideradas, torna-se pertinente compreender como é que estas famílias experienciaram o início do processo de adopção, como é que se adaptaram a um novo estilo de vida e como vivenciam hoje essa realidade.

O início da vida familiar adoptiva é encarado como um período de crises normativas, que requer ajustes significativos, no qual o casal terá de ajustar o relacionamento entre si, estabelecer regras parentais e criar novas regras de funcionamento na família (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002; Relvas & Alarcão, 2002). Antes mesmo de se tornarem pais, os casais adoptivos passam por um conjunto de experiências específicas, como a aprovação do processo de candidatura, a incerteza pelo tempo de espera até à chegada da criança, o estigma da sociedade e os possíveis comentários depreciativos e de menor suporte por parte da família alargada, que, consequentemente, podem aumentar o ressentimento parental, diminuir a auto-confiança e o sentimento de pertença, e acentuar o sentimento de diferença (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002). Na presente amostra, 30% dos casais referem que a família alargada não concordava com o projecto de adopção, embora, com a chegada da

criança, tenham mudado de opinião e contribuído para uma boa fase de integração da mesma, como se evidencia no seguinte excerto:

*E: E houve alguma dificuldade que vocês estivessem à espera e que não tivesse acontecido?*

*G2: Da parte do meu pai principalmente. Porque quando nós dissemos que íamos adoptar, independentemente de podermos ter filhos biológicos ou não, o meu pai rejeitou completamente.*

*G1: Rejeitou completamente a ideia.*

*G2: Quer dizer, a minha mãe dizia “Ah se puderes dar o dinheiro a uma instituição...”, e eu disse-lhe assim “Oh mãe desculpa lá, eu posso dar dinheiro a uma instituição mas é diferente! Podem-lhe dar comida, cama e roupa lavada mas não lhe dão carinho”. O meu pai logo “Ah vai chamar avô a outro!!!”. É assim, agora eu falo bem disto, mas na altura foi um choque!*

*E: Claro.*

*G2: O pai do meu marido nem se manifestava, a minha sogra dizia “Ah primeiro deviam tentar um vosso, se não conseguissem aí sim senhor...”, e eu disse que não, “Independentemente de tentarmos ter o nosso ou não termos, vem um adoptado e depois logo se vê. Seja como for, o que chegar primeiro é o que chegou primeiro”. Os únicos que nos disseram assim “Sim senhora”, foram os meus cunhados, que são os padrinhos do João. Disseram que sim senhora, achavam muito bem e não sei quê... Depois a parte da família de um lado e do outro, que eu achava que ia ter, pronto pessoas assim mais idade, que eu achava que iam ter uma reacção mais negativa...*

*G1: Aceitaram muito bem.*

*G2: Toda a gente teve uma reacção muito positiva. Que achavam muito bem, sim senhora... Por incrível que pareça, quando o Gonçalo veio, nós fomos mostrar as fotografias ao meu pai, o meu pai ficou todo babado quando viu a fotografia do Gonçalo.*

*G1: E hoje não se pode ralhar com o neto ao pé dele.*

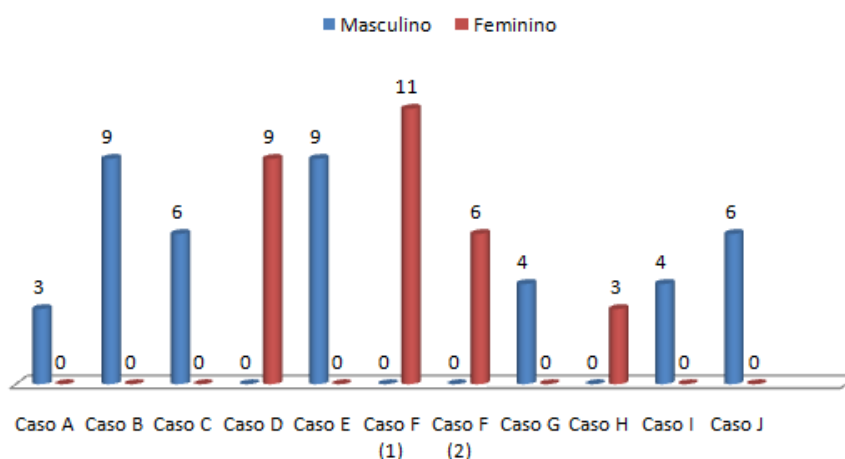
G2: *Não se pode ralar com o neto que ele fica... (...) Mas pronto, ainda assim foi uma reação que eu não estava à espera e que eles aceitaram muito bem.*”

Como é exemplificado, as famílias foram capazes de gerar recursos e de manter um funcionamento familiar coeso, com capacidade de adaptação e práticas comunicacionais positivas. Desenvolveram uma parentalidade de estilo autoritativo, recorrendo na sua maioria a práticas educativas indutoras, utilizando também práticas coercivas quando as consideravam necessárias.

Assim, apesar de a presente investigação não ser na sua essência, um estudo comparativo, os resultados obtidos parecem ir ao encontro do estudo de Levy-Shiff e colaboradores (1991), onde se conclui que apesar do *stress* associado à adopção, os pais adoptivos lidam geralmente com sucesso em situações inerentes ao início do ciclo de vida familiar, e por vezes ainda melhor que os biológicos. Esse sucesso leva a que, na presente amostra, os casais se percepcionem com elevados níveis de adaptabilidade e coesão familiar, não se verificando um impacto negativo da adopção na conjugalidade, pois, no geral, avaliam-se muito satisfeitos na relação com o cônjuge. Os casais reconhecem a ocorrência de mudanças, mas encaram-nas de forma positiva. Para a maioria dos casais, a parentalidade e a nova dinâmica familiar, enriqueceram a vivência conjugal, contribuindo, assim, de forma positiva para a percepção que os participantes têm da sua satisfação conjugal.

Para uma melhor compreensão dos resultados obtidos no estudo empírico, é importante situar as famílias em termos da fase do seu ciclo de vida. A média das crianças em estudo é de seis anos (Gráfico 5), o que corresponde ao início da fase dos filhos adoptivos em idade escolar (6-11 anos).

**Gráfico 5- Frequência de idades das crianças adoptadas**



Tendo os processos de adopção aqui analisados sido concretizados no período entre 2004 e 2007, torna-se claro que a maioria das crianças estaria na altura da integração na família adoptiva na segunda etapa do seu ciclo de vida (3-5 anos). Este dado é similar à tipologia apresentada por Rosenberg (1994), de que o início da parentalidade adoptiva começa, frequentemente, em simultâneo com o início da segunda etapa do ciclo de vida (citado por Relvas & Alarcão, 2002). Esta fase caracteriza-se fundamentalmente pela entrada da criança na escola e pelo desenvolvimento de capacidades cognitivas que lhe permite compreender a diferença entre as famílias adoptivas e as biológicas. Desta forma, a criança aparenta entender determinados conceitos, como a concepção e o nascimento, pelo que começa a questionar os pais, sendo essencial existir um clima familiar de abertura à comunicação, a fim de se proporcionar um ambiente seguro e de suporte à sua crescente curiosidade (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002). Nas famílias em estudo, o tema da adopção surgiu espontaneamente em 80% dos casos, através do questionamento directo da criança. Em 20% dos casos, as crianças ainda não interrogaram os pais sobre a origem do seu nascimento e os pais questionam-se acerca da melhor forma de abordarem a revelação. Nestes dois casos, as crianças encontram-se em idade pré-escolar, sendo comum, nesta fase, segundo Brodzinsky e Pinderhughes (2002), os adoptantes apresentarem dúvidas relacionadas com a informação que devem partilhar com a criança, quando será a melhor altura, e qual o impacto da revelação sobre a mesma.

A comunicação positiva existente nas famílias adoptivas participantes é construída através de diálogos claros, escuta activa e manifestações de simpatia, favorecendo o funcionamento familiar, nomeadamente, a coesão e adaptabilidade (Olson, 2000; Olson & Gorral, 2003; Segrin & Flora, 2005).

Por sua vez, é de esperar que, tal como aconteceu na presente amostra, face a um funcionamento familiar capaz de lidar com os desafios inerentes ao tipo de relacionamentos construídos por via da adopção, os casais adoptivos se sintam satisfeitos com o exercício da parentalidade. Um elevado nível de apoio e de aceitação, transmitido aos pais adoptivos pelos amigos e família alargada, poderá também contribuir para essa satisfação, aumentando o sentimento de segurança com a decisão de adoptar, o que, consequentemente, os prepara melhor para o seu desempenho parental (Relvas & Alarcão, 2002). Associado a este sentimento, surge a questão da disciplina (estilos e práticas educativas parentais). Segundo Melina (1994), os casais adoptivos sentem-se tão satisfeitos e gratos por terem uma criança que, sentem muita dificuldade

em exercer a sua autoridade e disciplina, necessárias ao bem-estar da criança e da família (citado por Relvas & Alarcão, 2002). Porém, tal não se verificou na amostra em estudo, visto que todos os casais são autoritativos na forma como educam os filhos e privilegiam as práticas indutivas na maneira como implementam regras e no modo como explicam a razão de ser das decisões tomadas.

Depois da excitação inicial da vivência da parentalidade, é normal, como vimos, que surja um conjunto de novos desafios, papéis e responsabilidades, que altera toda a dinâmica familiar, e em especial a relação do casal. Contudo, tal como é descrito na literatura, os casais satisfeitos, como acontece na nossa amostra, distinguem-se dos insatisfeitos, pelas estratégias positivas que usam para resolver os momentos de conflito e pelo modo como lidam com conflitos não resolvidos (Gottman, 2001). É de referir ainda que, na amostra considerada, todos os participantes encontram-se casados, factor que pode ser explicativo do grau bastante elevado de satisfação conjugal percebida, uma vez que o casamento também pode assumir funções protectoras, sendo que a ligação emocional a alguém significativo e a relação de amor e intimidade que se estabelece, constituem um ambiente rico em apoio emocional, eficaz para lidar com situações de *stress* (Narciso & Ribeiro, 2009).

## **Conclusão**

Neste capítulo, irá proceder-se à reflexão final sobre os principais resultados deste estudo, concretizando os raciocínios presentes na Apresentação e Discussão dos Resultados. Algumas características e limitações do estudo serão abordadas para contextualizar as conclusões, identificando caminhos para futuras investigações complementares.

Na sequência da análise dos dados, foi possível concluir que as famílias incluídas no estudo têm uma visão positiva do seu nível de coesão familiar e sentem-se muito satisfeitas com a ligação emocional existente entre os elementos da família. Este nível de satisfação poderá explicar o reduzido recurso a ajuda externa profissional, existindo uma tendência geral da família para utilizar recursos internos quando confrontadas com os problemas inerentes a um processo de adopção. O período de espera pela concretização da adopção poderá ter contribuído também para o desenvolvimento das

competências familiares, tendo os casais beneficiado de uma formação técnica e de apoio específico que lhes permitiu adequar as suas expectativas à realidade, ficando, desta forma, mais capazes de aceitar as mudanças significativas, reconhecer e lidar com as tensões relacionadas com a transição para a parentalidade (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002; Levy-Shiff, *et al.*, 1991). O facto de nos casais adoptivos se verificar uma maior duração de casamento (pré-parental) poderá, do mesmo modo, contribuir para uma maior coesão familiar, permitindo à família o desenvolvimento de competências que facilitam o ajustamento necessário à integração da criança adoptada. O desenvolvimento de fenómenos de comunicação positiva, que se verifica na nossa amostra, potencia o desenvolvimento de um clima relacional familiar saudável, criando, assim, um espaço de partilha e de regulação de significados (Segrin & Flora, 2005). Os dados obtidos corroboram a tendência presente na literatura, de que as famílias adoptivas são mais comunicativas e afectivas do que as famílias biológicas (Muñoz *et al.*, 2005).

Relativamente à satisfação conjugal, a totalidade dos participantes percebe o seu grau de satisfação como muito satisfatório. Sabendo que os casais felizes se envolvem em mais actividades conjuntas e passam mais tempo juntos, a vivência de uma parentalidade partilhada reforçada pela existência de mecanismos comunicacionais positivos, pode potenciar uma maior expressividade entre os cônjuges, reforçando a percepção positiva que estes têm da sua relação (Narciso & Ribeiro, 2009).

A elevada satisfação parental manifestada na amostra, como explicado anteriormente, reforça a percepção da satisfação conjugal, que contribui para o estabelecimento de um clima familiar securizante (Dinis, 2003), favorecendo o funcionamento familiar, nomeadamente a coesão e adaptabilidade (Olson, 2000; Olson & Gorral, 2003; Segrin & Flora, 2005). Por sua vez, a satisfação parental parece criar um espaço no qual o estilo parental autoritativo surge como dominante, como uma vez mais se verifica nos casais participantes. Isto permite que estes recorram ao diálogo e à explicação com mais frequência, privilegiando, assim, práticas educativas indutivas em detrimento de práticas coercivas como a punição física, embora esta possa ser utilizada em situações limite. A ocorrência de conflitos entre pais e filhos pode e deve ser adaptativa, se os pais os gerirem de forma adequada, fomentando o diálogo, a tolerância e a procura de soluções consensuais com os filhos (Muñoz *et al.*, 2005), sendo esta uma prática comum nas famílias adoptivas participantes.



Em suma, a análise realizada sobre os resultados obtidos da amostra permite sugerir que o funcionamento familiar, com uma forte coesão, uma boa capacidade de adaptação e uma forte comunicação positiva, relaciona-se positivamente com a satisfação conjugal e com a satisfação parental, com prevalência de um estilo parental autoritativo e recorrendo preferencialmente a práticas educativas indutivas. Esta dinâmica positiva cria um clima relacional familiar seguro, onde os casais adoptantes podem exercer a sua parentalidade de forma satisfatória, gerando, assim, uma dinâmica reparadora que pode contribuir para o sucesso do processo de adopção.

### *Limitações*

As características da amostra utilizada colocam algumas limitações ao presente estudo. O facto de esta investigação estar integrada no âmbito de um estudo mais amplo, sobre Stress e Bem-Estar em Famílias Adoptivas, condicionou de alguma forma a abrangência do trabalho realizado. O pressuposto de que os casais que voluntariamente aceitaram participar neste estudo, poderão ser aqueles que se percebem com níveis mais elevados de satisfação, poderá limitar a abrangência das conclusões encontradas. Da mesma forma, o facto de todos os participantes possuírem formação superior e pertencerem a um nível sócio-económico médio-alto, dificulta a generalização das conclusões para outros estratos sociais. Sendo a amostra constituída por casais que realizaram um processo de adopção bem sucedido num serviço público do Distrito de Lisboa, a possibilidade de generalizar as conclusões a uma população com outras características está limitada.

A utilização de amostras que permitissem uma comparação de resultados (por exemplo, entre famílias biológicas e famílias adoptivas) facilitaria o processo de compreensão do funcionamento de certas variáveis em diferentes contextos.

Por fim, o foco utilizado deixa de fora algumas variáveis potencialmente pertinentes, tais como stress parental, padrões de vinculação, qualidade da comunicação parental, resiliência individual e rituais familiares, que poderão ser exploradas em futuras investigações.

### *Implicações*

Com base nos resultados obtidos, torna-se possível inferir um perfil de casal adoptante com uma maior probabilidade de ter um processo de adopção bem sucedido. A caracterização desse perfil cria a hipótese de orientar a avaliação dos candidatos de

forma a identificar a presença de certas características chave, como uma boa adequação das expectativas, uma forte coesão familiar e a utilização de comunicação positiva. A dinamização do processo formativo de casais, com vista à preparação para a adopção, deve focar o desenvolvimento das competências e características identificadas, contribuindo assim para o sucesso do processo adoptivo (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002). Este perfil poderá servir de orientação para os serviços de apoio às famílias adoptivas, criando procedimentos que visem equipar os casais com os recursos necessários para lidar com a adopção, minimizando o *stress* e o risco de depressão dos pais adoptivos (Folio & Thompson, 2004). Por fim, fica também um desafio aos terapeutas familiares para aprofundarem o conhecimento sobre esta temática, desenvolvendo formas de auxiliar estas famílias, que podem estar enredadas em padrões de acção e de significado desadaptativos há muito existentes (Jones, 1999). Assim, o treino de profissionais de ajuda na temática da adopção é essencial, devendo permitir que estes tenham uma compreensão mais abrangente do fenómeno, tornando-se mais competentes na sua intervenção, desenvolvendo a estrutura sistémica voltada para a família, e um conjunto de técnicas para a implementação de novas ideias que possam promover o sucesso dos processos adoptivos (Minuchin, Colapinto & Minuchin, 1999).

## Bibliografia

- Barber, B., Olsen, J. E., & Shagle, S. C. (1994). Associations between Parental Psychobiological Control and Behavioral Control and Youth Internalized and externalized Behaviors. *Child Development*, 65, 1120-1136.
- Barker, P. (2000). *Fundamentos da terapia familiar*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Baumrind, D. (2005). Patterns of Parental Authority and Adolescent Autonomy. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 108, 61-69.
- Belsky, J., Crnic, K., & Gable, S. (1995). The determinants of co-parenting in families with toddler boys: Spousal differences and daily hassles. *Child Development*, 66, 629-642.
- Brodzinsky, D. (1990). *The Psychology of Adoption*. Oxford: Oxford University Press.
- Brodzinsky, D., & Pinderhughes, E. (2002). Parenting and child development in adoptive families. In Marc H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (10). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Burk, C. (2005). Comparing qualitative research methodologies for systemic research: the use of grounded theory, discourse analysis and narrative analysis. *Journal of Family Therapy*, 27, 237-262.
- Cecconello, A. M., Antoni, C., & Koller, S. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 45-54.
- Daly, K. J. (2007). *Qualitative Methods for Family Studies and Human Development*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113( 3), 487-496.

- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2005). The Discipline and Practice of Qualitative Research. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Eds.), *The SAGE Handbook of Qualitative Research* (1-32). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Diniz, J.S. (2003). A adoção como problema e como resposta. *Cidade Solidária*, 10, 20-23.
- Epstein, J.L., & Sanders, M.G. (2002). Family, school and community partnerships. In Bornstein, M.H. (Ed.) *Handbook of Parenting, Vol. 5, Practical Issues in Parenting*. Erlbaum, Mahwah, NJ, 407-437.
- Foli, K. J., & Thompson, J. R. (2006). *A Aventura da Adopção – Como superar os desafios inesperados da adoção*. Lisboa: Estrela Polar.
- Gottman, J., & Silver, N. (2001). *Os 7 princípios do casamento*. Cascais: Pergaminho.
- Grotevant, H., Dunbar, N., Kohler, J., & Esau, A. (2007). Adoptive Identity: How contexts within and beyond the family shape developmental pathways. In D. Brodzinsky (Ed.), *Handbook of Adoption: Implications for researchers, practitioners, and families* (1). London: Sage Publications.
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of Qualitative Research* (105-117). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Henry, D. (1999). Resilience in Maltreated Children: Implications for Special Needs Adoption. *Child Welfare*, 78(5), 519-540.
- Javier, R., Baden, A., Biofora, F., Camacho-Gingerich, A., Henderson, D. (2007). Taking Adoption Issues to the Academic and Professional Communities. In D. Brodzinsky (Ed.), *Handbook of Adoption: Implications for researchers, practitioners, and families* (1). London: Sage Publications.

- Kelle, U. (1995). *Computer-aided qualitative data analysis. Theory, methods and practice*. London: Sage Publications.
- Kohlbacher, F. (2006). The use of Qualitative Content Analysis in Case Study Research. *Forum Qualitative Research*, 7 (1), Art.21.
- Lamb, M. E. (Ed.) (1999). *Parenting and child development in nontraditional families*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Levy –Shiff, R., Goldshmidt, I., & Har-Even, D. (1991). Transition to parenthood in adoptive families. *Development psychology*, 27(1), 131-140.
- Marshall, C. (1999). *Designing Qualitative Research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Minuchin, P., Calapinto, J., & Minuchin, S. (1999). *Trabalhando com Famílias Pobres*. Porto Alegre: Artmed.
- Muñoz, I., Rebollo, M., & Fernández-Molina, M. (2005). Percepción del grado de conflicto en familias adoptivas y no adoptivas. *Psicothema*, 17(3), 370-374.
- Muñoz, I., Rebollo, M., & Fernández-Molina, M., & Morán, R. (2007). Percepción de las estrategias de socialización parentales en familias adoptivas y no adoptivas. *Psicothema*, 19 (4), 597-602.
- Mupinga, E. E., Garisson, M. E. B., & Pierce, S. H. (2002). An exploratory study of the relationship between family functioning and parenting styles: The perceptions of mothers of young grade school children. *Family and Consumer Sciences Research Journal*, 31, 112-129.
- Narciso, I. (2001). *Conjugalidades Satisfeitas mas Não Perfeitas: À Procura do Padrão Que Liga*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa , Lisboa.

- Narciso, I., & Costa, M. E. (1996). Amores satisfeitos mas não perfeitos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 115-130.
- Narciso, I., Costa, M. E., & Prata, F.P. (2002). Intimidade e compromisso pessoal ou “Aquilo que pode fazer com que um casamento funcione”. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 36, 67-88.
- Narciso, I., & Ribeiro, M. T. (2009). *Olhares sobre a conjugalidade*. Lisboa: Coisas de ler.
- Olson, D. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167.
- Olson D. H., & Gorall D. M. (2003). Circumplex model of marital and family systems. In F. Walsh (Ed.), *Normal Family Processes* (3ªEd., pp. 514-547). New York: Guilford.
- Olson, D., Portner, J., & Bell, R. Q. (1982; 1992). Faces II: Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales. In D. Olson, H. McCubbin, H. Barnes, A. Larsen, M. Muxen, & M. Wilson (Eds.), *Family inventories* (pp. 5-24). St. Paul: University of Minnesota.
- Pereira, I. (2007). Crescer em relação: *Estilos parentais educativos, apoio social e ajustamento*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Relvas, A. P., & Alarcão, M. (2002). *Novas formas de família*. Coimbra: Quarteto.
- Ribeiro, J. L. (2010). *Metodologia de Investigação em Psicologia e Saúde*. Porto: Legis Editora/Livpsic.
- Robinson C. C., Mandlco, B., Olsen, S. F., & Hart, C. H. (1995). Authoritative, authoritarian, and permissive parenting practices: Development of a new measure. *Psychological reports*, 77, 819-830.

- Rohner, R. P. (2004). The Parental “Acceptance-Rejection Syndrome”: Universal correlates of perceived rejection. *American Psychologist*, pp.830-840.
- Santona, A., & Zavattini, G. (2005). Partnering and parenting expectations in adoptive couples. *Sexual and Relationship Therapy*, 20(3), 309-322.
- Segrin, C., & Flora, J. (2005). *Family communication*. Mahwah, NJ: Laurence Erlbaum Associates, Inc., Publishers.
- Sousa, J. (2006). As famílias como projectos de vida: O desenvolvimento de competências resilientes na conjugalidade e na parentalidade. *Saber (e) Educar* 11, 41–47.
- Spera, C. (2005). A review of the relationship among parenting practices, parenting styles and adolescent school achievement. *Educational Psychology Review*, 17 (2), 125-146.
- Stake, R. E. (1994). Case Studies. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Eds.). *Handbook of Qualitative Research* (236-247). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Steinberg, L. (2005). Psychological control: style or substance? *New Directions for Child and Adolescent Development*, 108, 71-78.
- Verrier, N. (2007). *Compreender a criança adoptada*, Sintra: Edição Caleidoscópio.
- Weber, L., Prado, P., Viezzer, A., & Brandenburg, O. (2004). Identificação de Estilos Parentais: O Ponto de Vista dos Pais e dos Filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17 (3), 323-331.